

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS  
*CAMPUS* POÇOS DE CALDAS  
Graduação em Psicologia

Amanda Cardamone Alves

**ESPIRITUALIDADE E ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA: análise do processo  
psicoterapêutico como uma jornada interior**

Poços de Caldas

2022

Amanda Cardamone Alves

**ESPIRITUALIDADE E ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA: análise do processo  
psicoterapêutico como uma jornada interior**

Projeto apresentado ao Programa de Pós-Graduação  
da Pontifícia Universidade Católica de Minas  
Gerais.

Número do Projeto: PROBIC-2021/26995

Orientadora: Giseli do Prado Siqueira

(Natureza do projeto: PROBIC/FAPEMIG)

Poços de Caldas

2022

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço a Deus, que me concedeu saúde e determinação ao longo desses cinco anos de graduação.

Aos meus pais, por desde pequena me proporcionarem uma educação de qualidade e por sempre me incentivarem a pesquisar e buscar conhecimentos científicos. À minha irmã, por estar sempre ao meu lado, mesmo em tempos difíceis. Vocês são essenciais para o meu desenvolvimento pessoal e profissional. Agradeço ao meu noivo, por todo o cuidado e apoio em minhas escolhas realizadas ao longo desses nove anos em que estamos juntos.

Um agradecimento especial aos meus amigos, por me alegrarem todos os dias ao longo do curso. Sou grata por todas as experiências que vivemos juntos, pelas conversas e desabafos que já tivemos e também, por terem me escutado com afeto nesses tempos de distanciamento social. Vocês sempre me deram forças para continuar e agora, para concluir essa jornada.

Agradeço a todos os professores que contribuíram para o meu aprendizado ao longo da graduação, exercendo a profissão com maestria, em especial ao meu orientador, Professor Doutor Sibélius Cefas Pereira, pela paciência, ensinamentos e disponibilidade, e também à Professora Doutora Giseli do Prado Siqueira, por suas aulas maravilhosas que me inspiraram na escolha do tema e, que por meio de sua orientação no PROBIC, se tornou possível a realização deste trabalho. Agradeço também a Pró-Reitoria de Pesquisa e de Pós Graduação (PROPPG) da PUC Minas Gerais, que através do PROBIC, possibilitou a presente pesquisa e consequentemente o aprofundamento em um tema de suma importância para a área da Psicologia.

A todos os profissionais psicólogos que aceitaram realizar a entrevista proposta para a elaboração deste trabalho, pela disponibilidade e por todos os conhecimentos passados. Sem vocês essa pesquisa não seria possível.

Creio que a próxima grande fronteira da aprendizagem, a área para qual estaremos explorando novas possibilidades interessantes [...] é a área do intuitivo, do psíquico, do vasto espaço interior que se delinea à nossa frente. [...] que educadores e alunos inovadores tenham a coragem, a criatividade e a capacidade de penetrar nesse mundo do espaço interior e de compreendê-lo (ROGERS, 1983, p. 105-106).

## RESUMO

A monografia em questão teve como objetivo compreender os efeitos da espiritualidade e da experiência transpessoal no processo psicoterapêutico. Para tal, foi definido o conceito “espiritualidade” e identificada a visão de ser humano e os principais conceitos da Abordagem Centrada na Pessoa e da Psicologia Transpessoal, vertentes teóricas da Psicologia escolhidas para orientar a investigação. A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica seguida de uma pesquisa de campo, sendo assim, apresenta caráter qualitativo e exploratório. A coleta de dados ocorreu através de nove entrevistas semiestruturadas que foram realizadas de forma online, sendo os participantes quatro terapeutas que utilizam a Abordagem Centrada na Pessoa, e cinco a Psicologia Transpessoal na prática clínica. Após as entrevistas, estas foram submetidas à análise de conteúdo, recurso metodológico que visa oferecer um tratamento analítico e sistemático ao conteúdo presente nas mensagens. Os resultados foram organizados em seis categorias de análise, originadas a partir das perguntas realizadas nas entrevistas: a) A temática da espiritualidade na formação em Psicologia; b) (Auto)desenvolvimento através da busca pela espiritualidade; c) A autorrealização como caminho para a autotranscendência; d) Estados alterados de consciência e experiências transpessoais; e) Intuição e momentos intuitivos no processo psicoterapêutico; f) Espiritualidade da/o terapeuta. A discussão dos resultados demonstrou que o ser humano pode ser considerado como um ser espiritual e que, conseqüentemente, as experiências transpessoais vivenciadas no âmbito do processo psicoterapêutico são permeadas pela espiritualidade. Diante disso, a qualidade da relação terapêutica estabelecida no processo psicoterapêutico é extremamente importante, uma vez que esse encontro promove através de atitudes da/o terapeuta, um ambiente facilitador de mudanças terapêuticas. Portanto, ao unir as atitudes facilitadoras e a abertura ao transpessoal da/o terapeuta, tem-se um espaço de promoção e prevenção à saúde mental, bem como o favorecimento do processo de autoconhecimento e desenvolvimento da autonomia da pessoa atendida.

Palavras-Chave: Espiritualidade. Psicoterapia. Abordagem Centrada na Pessoa. Psicologia Transpessoal.

## ABSTRACT

The monograph in question aimed to understand the effects of spirituality and transpersonal experience in the psychotherapeutic process. To this end, the concept of “spirituality” was defined as well as the vision of the human being and the main concepts of the Person-Centered Approach and Transpersonal Psychology, the theoretical aspects of Psychology chosen to guide the investigation. The methodology used was a bibliographical review followed by a field research, thus, it presents a qualitative and exploratory character. The data collection took place through nine semi-structured interviews that were conducted online, with four therapists who work with the Person-Centered Approach, and five who work with Transpersonal Psychology in their clinical practice. After the interviews, they were submitted to content analysis, a methodological resource that aims to offer an analytical and systematic treatment of the content present in the messages. The results were organized into six categories of analysis, arising from the questions asked in the interviews: a) The theme of spirituality in Psychology courses; b) (Self) development through the search for spirituality; c) Self-realization as a path to self-transcendence; d) Altered states of consciousness and transpersonal experiences; e) Intuition and intuitive moments in the psychotherapeutic process; f) The therapist's spirituality. In general, the discussion of the results showed that the human being can be considered a spiritual being and that, consequently, the transpersonal experiences lived in the context of the psychotherapeutic process are permeated by spirituality. Therefore, the quality of the therapeutic relationship established in the psychotherapeutic process is extremely important, since this meeting promotes, through the therapist's attitudes, an environment that facilitates therapeutic changes. As a result, by uniting the facilitating attitudes and the therapist's openness to the transpersonal, there is a space for the promotion and prevention of mental health, as well as the favoring of the process of self-knowledge and development of the person's autonomy.

Keywords: Spirituality. Psychotherapy. Person-Centered Approach. Transpersonal Psychology.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>12</b>
<b>2.1 Psicologia Humanista: a valorização do Potencial Humano.....</b>	<b>12</b>
<i>2.1.1 Carl Rogers e a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) .....</i>	<i>13</i>
<b>2.2 Psicologia Transpessoal: a valorização da espiritualidade na experiência humana..</b>	<b>15</b>
<i>2.2.1 Abordagem transcetrada na pessoa .....</i>	<i>18</i>
<b>2.3 A espiritualidade como dimensão inerente ao ser humano .....</b>	<b>21</b>
<i>2.3.1 Espiritualidade na prática clínica psicológica.....</i>	<i>23</i>
<b>3 METODOLOGIA .....</b>	<b>26</b>
<b>3.1 Participantes.....</b>	<b>26</b>
<b>3.2 Instrumento de coleta de dados .....</b>	<b>27</b>
<b>3.3 Procedimento de análise dos dados .....</b>	<b>28</b>
<b>4 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS .....</b>	<b>30</b>
<b>4.1 A temática da espiritualidade na formação em Psicologia .....</b>	<b>30</b>
<b>4.2 (Auto)desenvolvimento através da busca pela espiritualidade .....</b>	<b>33</b>
<b>4.3 A autorrealização como caminho para a autotranscendência .....</b>	<b>37</b>
<b>4.4 Estados alterados de consciência e experiências transpessoais.....</b>	<b>41</b>
<b>4.5 Intuição e momentos intuitivos no processo psicoterapêutico .....</b>	<b>45</b>
<b>4.6 Espiritualidade da/o terapeuta .....</b>	<b>49</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>54</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>57</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>62</b>
<b>APÊNDICE A – Roteiro das entrevistas .....</b>	<b>63</b>
<b>APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....</b>	<b>64</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A espiritualidade foi reconhecida pela Organização Mundial de Saúde (OMS, 1988) como uma característica inerente ao ser humano. Sendo assim, faz-se necessário compreendê-lo de maneira integral, considerando todas as dimensões que lhe atravessam: biopsicossocial e espiritual. Nesse contexto, a temática da espiritualidade, bem como sua importância, se faz cada vez mais presente nas discussões no âmbito das práticas de cuidado em saúde, principalmente no campo da saúde mental e da psicologia clínica. Contudo, essa dimensão humana encontra-se, muitas vezes, negligenciada ou até mesmo renegada por boa parte dos profissionais da Psicologia. De acordo com Berni (2016), isso se dá pelo desconhecimento do real significado do conceito de espiritualidade, que muitas vezes é confundido como sinônimo de religiosidade ou até mesmo de religião.

A devida valorização da espiritualidade no processo psicoterapêutico permite um encontro pleno entre a/o terapeuta e a pessoa atendida (GIOVANNETTI, 2005; RIGACCI JUNIOR, 2005). Esse encontro com o outro, o qual a/o terapeuta fica face a face com a pessoa atendida, é uma característica extremamente valorizada pelas/os profissionais que utilizam as teorias da Abordagem Centrada na Pessoa, uma das abordagens da Psicologia Humanista.

Pode-se dizer que o principal objetivo da psicoterapia humanista é levar o indivíduo a ser ele mesmo, através das atitudes facilitadoras - compreensão empática, congruência e aceitação positiva incondicional - que a/o terapeuta deve desenvolver para serem promovidos momentos de mudança terapêutica ao longo do processo (ROGERS, 1997). A Psicologia Transpessoal se aproxima desses entendimentos uma vez que também valoriza a potencialidade humana e a sua capacidade de se autodesenvolver. Essa vertente teórica ainda acrescenta a importância da vivência da espiritualidade, compreendida como uma continuidade natural do desenvolvimento do ser humano e do processo psicoterapêutico, ou seja, a autotranscendência vai além da autorrealização humanista (BOAINAIN JUNIOR, 1998).

Sendo assim, é de extrema importância que tais temáticas sejam cada vez mais difundidas entre os profissionais da área da saúde, principalmente da Psicologia, para que os mesmos desenvolvam habilidades e atitudes coerentes com seus fazeres clínicos e de cuidado com o outro (NASCIMENTO; CALDAS, 2016). Diante disso, a presente pesquisa na forma de monografia responderá a seguinte *pergunta/problema*: Quais as influências da espiritualidade e das experiências transpessoais no âmbito do processo psicoterapêutico?

Assim, foi estabelecido como *objetivo geral* da pesquisa compreender a relação entre a espiritualidade e as experiências transpessoais no âmbito do processo psicoterapêutico, tendo como base as teorias da Abordagem Centrada na Pessoa e da Psicologia Transpessoal. A partir disso, foram determinados quatro *objetivos específicos*, sendo eles: definir os conceitos de espiritualidade e de experiência transpessoal; identificar a visão de ser humano e os principais conceitos da Abordagem Centrada na Pessoa e da Psicologia Transpessoal; analisar qual a influência da crença no transcendente nos resultados da psicoterapia e investigar em que medida a espiritualidade interfere no processo psicoterapêutico, a partir da visão do terapeuta.

Para tal, será considerada a *hipótese* de que a espiritualidade é um fenômeno inerente do ser humano, tendo em vista a noção multidimensional de saúde, que o considera como um ser biopsicossocial e espiritual. A partir do momento que a espiritualidade do terapeuta é reconhecida, bem como a da pessoa atendida, é possível estabelecer uma relação terapêutica de qualidade, ou seja, possibilitar um encontro pleno. Portanto, se há uma compreensão transpessoal e holográfica do fenômeno por parte do terapeuta ao longo do processo psicoterapêutico, então o mesmo se torna um instrumento que viabiliza o desenvolvimento da pessoa atendida.

Diante do exposto, a pesquisa em questão se *justifica*, primeiramente, pelo fato da espiritualidade ser um assunto de interesse pessoal da pesquisadora e pela afinidade teórica da mesma com as abordagens da Psicologia Humanista e da Psicologia Transpessoal. Pode-se dizer que a motivação para tal escolha se deu pelo conhecimento proporcionado pelas aulas de Cultura Religiosa e de Psicologia Humanista oferecidas no processo de formação acadêmica em Psicologia. Outra questão importante é que a espiritualidade se faz cada vez mais presente nas discussões realizadas no âmbito da saúde mental e da psicologia clínica, uma vez que foi reconhecida pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como uma característica primordial e intrínseca do ser humano. Entretanto, a partir da revisão de literatura realizada, observou-se uma lacuna de conhecimento, ou seja, há poucos estudos acadêmicos relacionando a Abordagem Centrada na Pessoa, idealizada por Carl Rogers, e a influência da espiritualidade no processo psicoterapêutico, tendo como base os princípios da Psicologia Transpessoal.

Dessa maneira, as elaborações resultantes dessa pesquisa possuem uma grande relevância científica para o âmbito da Psicologia, acima de tudo no que se refere à prática clínica, auxiliando profissionais que se identificam com este assunto, na oferta de embasamento teórico científico. Além disso, pode-se afirmar que o estudo dessa temática contribuirá também para despertar o interesse em outros graduandos em Psicologia, já que

dará visibilidade e, assim, poderão considerar essas abordagens teóricas como opções para suas atuações clínicas futuras. Cabe ressaltar que a pesquisa em questão foi viabilizada pela Pró-Reitoria de Pesquisa e de Pós Graduação (PROPPG) da PUC Minas Gerais, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PROBIC). Nesse contexto, os resultados dessa pesquisa, serão apresentados em Seminários de Iniciação Científica e congressos da área, incentivando outros graduandos a realizarem estudos científicos acerca da espiritualidade e seus efeitos no âmbito da psicologia clínica, além de possibilitar a utilização dos mesmos como referencial teórico para a produção de artigos científicos ou até mesmo de outras formas de pesquisa acadêmica.

Sendo assim, o presente trabalho está estruturado da seguinte forma: na sequência desta Introdução é apresentado o Referencial Teórico, dividido em três subtópicos que abordam respectivamente, as principais características da Psicologia Humanista, bem como da Abordagem Centrada na Pessoa; o surgimento da Psicologia Transpessoal e a aproximação da mesma com a Abordagem Centrada na Pessoa, possibilitando a criação da Abordagem Transcentrada na Pessoa; por fim, a relação entre o conceito espiritualidade com a prática psicoterapêutica. Posteriormente, é demonstrada a Metodologia utilizada para a realização desse trabalho, nela são apresentados os participantes da pesquisa de campo, o instrumento de coleta de dados e o procedimento utilizado para a análise dos mesmos. Em seguida, é apresentada a Discussão e Análise dos Resultados, dividida em seis categorias originadas a partir das perguntas elaboradas para as entrevistas: A temática da espiritualidade na formação em Psicologia; (Auto)desenvolvimento através da busca pela espiritualidade; A autorrealização como caminho para a autotranscendência; Estados alterados de consciência e experiências transpessoais; Intuição e momentos intuitivos no processo psicoterapêutico; Espiritualidade da/o terapeuta. Por fim, são apresentadas as Considerações Finais da pesquisa.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Psicologia Humanista: a valorização do Potencial Humano

Pode-se dizer que o nascimento da psicologia humanista se deu como uma reação ao panorama da psicologia norte-americana, no final da década de 1950 e início da de 1960, que se deparava com duas grandes forças: o behaviorismo e a psicanálise clássica. Sendo denominada como a Terceira Força ou como o Movimento do Potencial Humano, essa nova psicologia privilegia as capacidades e potencialidades exclusivas da espécie humana, tendo em vista a hipótese da necessidade da autorrealização/atualização.

De acordo com Campos (2017), a principal condição para a constituição do projeto da psicologia humanista foi o clima cultural dos anos 60, atrelado ao Movimento Contracultura nos Estados Unidos que criticava os aspectos mecanicistas e autoritários da cultura ocidental contemporânea. Diante das insatisfações com o sistema político vigente e com suas formas de controle sobre os corpos e subjetividades, estudiosos das ciências humanas começaram a buscar novos referenciais para reorganizar a vida pública e privada, propondo “uma revolução a partir das práticas existenciais imediatas, livres das repressões, sociais impostas pelo capitalismo” (CAMPOS, 2017, p. 64). Essas premissas estavam ligadas também ao Movimento do Potencial Humano que, inicialmente, foi associado ao projeto dessa nova psicologia que surgia, a humanista.

Os psicólogos adeptos às essas novas ideias buscavam, basicamente, com que os homens se tornassem mais humanos, bem como a psicologia. A volta do homem como principal objeto de estudo provocou, de certa forma, um retorno ao humanismo nessa área do conhecimento. Sendo assim, era preciso compreender o ser humano como “um ser essencialmente livre e intencional, devendo ser entendido primordialmente pela sua dimensão consciente e, sobretudo, pela vivência de suas experiências presentes” (CAMPOS, 2017, p. 65). Uma nova visão de homem foi difundida, uma visão positiva, o qual apresenta uma tendência natural para desenvolver suas potencialidades, e vive em um constante processo de busca de si mesmo. A essa ideia, deu-se o nome de tendência atualizante, que pode ser entendida como uma tendência inerente ao ser humano de estar em constante desenvolvimento ou então, como uma propensão rumo à autorrealização. Sendo assim, ela seria:

[...] a necessidade que se faz evidente em toda a vida orgânica e humana – de expandir, estender, tornar-se autônoma, desenvolver, amadurecer – a tendência de expressar e ativar todas as capacidades do organismo, ao ponto em que tal ativação aprimore o organismo ou a pessoa (ROGERS, 1997, p. 40).

Sendo assim, fica clara a existência de uma “tendência direcional formativa no universo” (ROGERS, 1983, p. 50). Conforme o mesmo autor, essa tendência pode ser observada não só nos seres humanos, mas em toda a natureza e universo. Isso porque se trata de uma tendência evolutiva visando uma maior complexidade, uma maior inter-relação entre tudo e todos. A partir disso, o principal objetivo da psicoterapia humanista é levar o indivíduo a ser ele mesmo, ou seja, propiciar ao cliente a conquista de uma existência autêntica, espontânea, autoconsciente e congruente.

### *2.1.1 Carl Rogers e a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP)*

Carl Rogers foi um dos psicólogos que seguiram a onda do novo projeto em psicologia, se tornando um dos principais autores da Psicologia Humanista. Desenvolveu seu próprio caminho teórico, criando a Abordagem Centrada na Pessoa, como denominou em seus últimos escritos. Por isso, faz-se necessário abordar as cinco fases pelas quais essa abordagem passou ao longo dos anos. Primeiramente é importante ressaltar que em todas as fases, para Rogers, era fundamental o respeito à experiência da pessoa atendida e também, à capacidade de autonomia desta em ressignificar sua história de vida.

A primeira fase é denominada Fase da terapia não diretiva, isso porque é marcada pela ausência de atividade intervencionista e por certa neutralidade do terapeuta, embora deva reconhecer seu envolvimento emocional como parte da relação. Desse modo, “o processo terapêutico era percebido como a aquisição pelo cliente de insight sobre si mesmo e sobre suas relações” (MIRANDA; FREIRE, 2012, p. 83) Para isso ocorrer, o terapeuta precisa criar um clima propício e confortável para que o cliente se expresse, ou seja, sem o estabelecimento de qualquer relação de coerção ou pressão.

Já a segunda fase, a da terapia centrada no cliente, apresenta uma alteração de perspectiva, dado que propõe um papel mais ativo da/o terapeuta e tem sua atenção voltada tanto para o cliente quanto para os seus próprios sentimentos, provocada por ele. Foi nesse período que Rogers formulou as três atitudes facilitadoras, que quando desenvolvidas pela/o terapeuta, promovem um ambiente acolhedor e suficiente para gerar modificações terapêuticas. São elas: a aceitação positiva incondicional, a compreensão empática, e a congruência (MIRANDA; FREIRE, 2012).

A aceitação positiva incondicional consiste em aceitar todas as facetas que a pessoa apresenta, demonstrando uma consideração genuína por suas experiências e pelo cliente enquanto “uma pessoa de autovalia incondicional” (ROGERS, 1997, p. 38). Essa atitude está

intimamente vinculada com a confiança no outro como um ser em constante crescimento e conseqüentemente, com a noção de tendência atualizante, visto que se a/o terapeuta aceita que o cliente está em um processo de tornar-se ele mesmo, então pode confiar e confirmar suas potencialidades inerentes. Para que essa relação de ajuda seja significativa, é necessário também que a/o terapeuta sinta o desejo de compreender esse outro em sua singularidade e para isso, é preciso ouvir empaticamente.

Segundo Rogers (1997), a compreensão empática se dá pela capacidade de captar com precisão os sentimentos vivenciados pelo cliente com uma postura livre de qualquer juízo de valor, ou seja, compreender os significados envolvidos naquilo que o cliente está expressando. Para Amatuzzi (2012, p. 65), essa atitude se apresenta como “um contato intuitivo direto com o centro da pessoa, com a origem de sua comunicação precisamente naquele momento.”

Nas palavras de Rogers (1997, p. 392), a congruência pode ser explicada como uma "adequação entre a experiência, a consciência e a comunicação", ou seja, é a capacidade da/o terapeuta ser ela/e mesma/o e de dizer honestamente para o outro como se sente naquela relação. Sendo assim, quando a/o terapeuta consegue vivenciar e significar os sentimentos que lhe estão disponíveis no momento daquele encontro inter-humano, pode-se dizer que ela/e está sendo congruente.

Tendo em vista todos esses conceitos, na terceira fase, a da terapia experiencial, o terapeuta passa a expressar-se mais livremente, expondo seus sentimentos e sensações pertinentes na relação. Além disso, é nessa fase que Rogers muda seu foco para a experiência do terapeuta, ocasionando em uma relação bicentrada, ou bipolar, visto que ela passa a ser “centrada nos mundos experienciais das duas pessoas envolvidas no trabalhar as dificuldades de uma delas” (BOAINAIN JUNIOR, 1998, p. 85).

Já na quarta e quinta fase, o foco da Abordagem estava voltado para as potencialidades transformadoras do trabalho grupal. Respectivamente, Rogers, trabalhou com grupos de encontro e com grandes grupos. Segundo Boainain Junior (1998), nessas fases o autor acreditava que o encontro seria justamente o agente transformador e curativo, considerando as mesmas características de aceitação, compreensão e autenticidade presente nas terapias individuais.

Esse encontro, seja somente entre duas pessoas ou em grupos maiores, pode ser caracterizado como uma relação de ajuda na qual a/o terapeuta tem como função facilitar a mudança e o desenvolvimento pessoal. Sendo assim, diante de um clima psicológico acolhedor, uma relação de qualidade é estabelecida e se torna terapêutica. Para Buber (1979), o ser humano é um ser de relação, e é nesse contexto de encontro pleno com o outro que ele se

desenvolve. Dessa maneira, o processo psicoterapêutico recria esse contexto e "o indivíduo descobrirá dentro de si a capacidade de utilizar essa relação para crescer" (ROGERS, 1997, p. 40)

Os indivíduos que experienciam essa relação mesmo por um número relativamente limitado de horas apresentam profundas e significativas mudanças em personalidade, atitudes e comportamento. Nesse relacionamento, o indivíduo se torna mais integrado, mais efetivo. [...] Ele muda a percepção que tem de si mesmo, tornando-se mais realista em suas visões do eu. Torna-se mais semelhante com a pessoa que deseja ser. Ele se valoriza mais. Mostra-se mais autoconfiante e autodirigido (ROGERS, 1997, p. 41).

Nesse contexto, além da percepção mais aprofundada acerca dos efeitos terapêuticos de um encontro pleno, é importante ressaltar que nessa última fase do pensamento de Rogers, foi observada uma crescente aproximação da perspectiva místico-espiritual. O autor passou a considerar aspectos intuitivos, transcendentais e espirituais nessa relação terapêutica (BOAINAIN JUNIOR, 1998). A partir disso, a Abordagem Centrada na Pessoa começa a se abrir para um *Jeito de Ser*<sup>1</sup> que se aproxima da atual Psicologia Transpessoal.

## 2.2 Psicologia Transpessoal: a valorização da espiritualidade na experiência humana

Em 1968, os autores Stanislav Grof, Abraham Maslow, Viktor Frankl, Antony Sutich e James Fadiman fundaram a Psicologia Transpessoal, abordagem a qual compreende o ser humano em sua totalidade, ou seja, como um ser biológico, psicológico, social e espiritual. Sendo assim, o que diferencia a perspectiva transpessoal de outras abordagens e teorias psicológicas é justamente a sua visão espiritual da subjetividade.

[...] a psicologia humanista, terceira força, foi uma transição, uma preparação para uma ainda mais elevada, quarta psicologia, transpessoal, trans-humana, centrada mais no cosmos que nos desejos e interesses humanos, além do humano, da identidade, da atualização do ser e do resto (MASLOW, 1962, p. 128).

Dessa maneira, a Psicologia Transpessoal compreende que o ser humano tem uma amplitude que vai além de sua personalidade. O prefixo ‘trans’ marca uma compreensão integral do ser humano, “de forma que não se refere apenas a ‘ir além’, mas também a tornar-se mais pessoa, assumindo-se radicalmente toda a abertura, incompletude e amplitude do ser humano” (FERREIRA; SILVA; RIBEIRO, 2015, p. 253).

Nesse contexto, surge então, um novo paradigma científico denominado holístico ou

---

<sup>1</sup>*Jeito de Ser* é o título do último livro publicado por Carl Rogers, no ano de 1983.

holográfico que se enquadra na visão das novas ciências, aí incluída a Psicologia Transpessoal. Para essa abordagem, ‘a parte contém o todo’, ou seja, pode-se dizer ser visto como um holograma qualquer elemento de um todo. Essa percepção vai além da visão holística do movimento humanista que considera a máxima da Psicologia da Gestalt, ‘o todo é mais que a soma das partes’. É importante ressaltar novamente que a Psicologia Transpessoal não surgiu como uma oposição à Psicologia Humanista, mas sim como uma extensão desse movimento. De acordo com Boainain (1998, p. 49), “a autorrealização humanista não se esgota no ‘ser plenamente pessoa’, mas, sim, no ultrapassar da própria condição pessoal, acessando a dimensão cósmica, espiritual ou transpessoal do ser”.

No contexto, a espiritualidade é entendida como uma dimensão inerente ao ser humano. É ela que impulsiona a busca de sentido para a vida, ou seja, favorece a compreensão de diversos fenômenos e conseqüentemente, a busca pela transcendência. Para Grof (1964) a espiritualidade seria a capacidade de ir além dos modos usuais de perceber e interpretar a si mesmo e ao mundo, para isso, faz-se necessário a facilitação desse processo por profissionais que compartilham desse entendimento.

Com isso, a tendência à realização espiritual mediante a transcendência de todas as limitações da consciência é tão necessária quanto o crescimento emocional e a autorrealização, ou seja, a vivência da espiritualidade é compreendida como uma continuidade natural do processo psicoterapêutico. Sendo assim, na psicoterapia transpessoal, a capacidade humana para a autotranscendência é compreendida como a etapa final do desenvolvimento, ou seja, para além e posterior à autorrealização.

Para isso ocorrer, a/o terapeuta precisa desempenhar o papel de canal facilitador, ou seja, por meio de técnicas terapêuticas, o próprio paciente pode se desenvolver e iniciar seu processo de autocura. Desta maneira, pode-se dizer que, assim como na Psicologia Humanista e na Abordagem Centrada na Pessoa, não existe uma relação de poder da/o terapeuta sobre a pessoa atendida, uma vez que há a liberdade e a confiança essencial de que todo ser humano pode se orientar em direção ao crescimento. Esta abordagem também considera o cliente como um ser único, assim não o rotula, nem o compara, além de buscar romper com a dualidade. (WEIL, 1995).

Nesse contexto acolhedor e facilitador que a psicoterapia transpessoal proporciona, ao longo do caminho trilhado para a autotranscendência, ocorrem as chamadas experiências transpessoais. Para Walsh e Vaughan (1993), elas podem ser definidas como experiências em que o senso de identidade do eu *ultrapassa* (trans + passar = ir além) o individual e o pessoal com o intuito de alcançar aspectos mais amplos da humanidade, da vida, da psique e do

cosmo. Já para Grof (1988, p. 104), nessa categoria de experiência “há o sentimento de expansão da consciência para além das fronteiras egóicas comuns e das limitações do tempo e do espaço”. Essa definição é importante, pois auxilia no entendimento do modelo transpessoal de desenvolvimento psicológico, no qual é valorizada a passagem de uma identidade pessoal para uma transpessoal, ou seja, centra-se no cosmos. Com isso, é fortalecida a crença na “concepção segundo a qual somos basicamente um com o cosmos, e não em situação de estranhamento a ele” (BOAINAIN JUNIOR, 1998, p. 66).

Essa concepção de integração harmoniosa do ser humano com o todo substitui o paradigma newtoniano-cartesiano, o qual vê o ser humano como fragmentado e de maneira reducionista. Em contrapartida, o paradigma holográfico o compreende de maneira integral. “[...] o homem é visto como um sistema ou totalidade cuja estrutura específica emerge da interação dos níveis da consciência – físico, emocional, mental, existencial e espiritual – interligados e interdependentes” (TABONE, 1995, p. 166).

Essa ideia fica mais clara quando é retomada a visão de homem adotada pelas teorias da Psicologia Transpessoal, posto que infere diretamente no foco bem-estar e saúde do ser humano reconhecendo os aspectos transcendentais e espirituais intrínsecos no mesmo. Como foi exposto anteriormente, ao longo da jornada para a autotranscendência, experiências transpessoais são vivenciadas. Com clima psicológico agradável e seguro facilitado pela/o terapeuta o cliente experimenta, muitas vezes, estados alterados de consciência, ou estados holotrópicos, como denominou Grof (2010). Existem instâncias superiores da consciência e do potencial humano que são inacessíveis no estado usual de vigília, contudo, através de estados alterados de consciência elas se mostram potencialmente disponíveis (BOAINAIN JUNIOR, 1998). Nesta direção apontam as considerações de Tart (1991):

De modo bastante conciso, ‘um estado de consciência’ [...] é aqui definido como um padrão generalizado de funcionamento psicológico. Um ‘estado alterado da consciência’ [...] pode ser definido como uma alteração qualitativa no padrão comum de funcionamento mental em que o experienciador sente que a sua consciência está radicalmente diferente do seu funcionamento ‘normal’. Deve-se notar que um EAC não é definido por um conteúdo particular da consciência, por um comportamento, mas em termos de seu padrão total. (TART, 1991, p. 41).

Segundo Weil (1981), estes princípios básicos podem ser sintetizados na seguinte fórmula:  $VR=f(EC)$ , onde a Vivência da Realidade, é função (f) do Estado de Consciência (EC) em que estamos a cada momento. Assim, quando um cliente alcança um estado alterado de consciência durante a psicoterapia, é possível que as experiências transpessoais que ocorreram durante tais estados possam influenciar mudanças de comportamentos e promover

percepções novas de um mesmo fenômeno, ocasionando então, novos estados emocionais favoráveis à superação de sofrimentos psíquicos (SIMÃO, 2015). Consonante com o autor citado anteriormente, algumas práticas religiosas/espirituais subjetivas, como preces, contemplações e meditações, podem provocar a alteração do estado de consciência, influenciando diretamente nessas mudanças de percepção.

Existem nove critérios que caracterizam as experiências transpessoais e espirituais como positivas e integradoras. São elas:

1. Ausência de sofrimento; 2. Ausência de prejuízos sociais e ocupacionais; 3. A experiência é curta e ocorre episodicamente; 4. Existe uma atitude crítica sobre a realidade objetiva da experiência; 5. A experiência é compatível com uma tradição cultural; 6. Ausência de comorbidades (outras perturbações); 7. A experiência é controlada; 8. A experiência gera crescimento pessoal; 9. A experiência é centrada nos outros. (BARROS; SALDANHA; SIMÃO, 2015 apud MOREIRA-ALMEIDA, 2009, p. 194).

Pode-se dizer que essas experiências espirituais/transpessoais, quando positivas, possuem um caráter transformador, revelador e harmonioso. Essas experiências são, de certa forma, “produtoras de sentido”. Portanto, a psicoterapia transpessoal promove a saúde criando condições para uma progressiva reeducação da ilusão da existência de um “eu” separado do mundo. Com isso, o que caracteriza uma/um terapeuta transpessoal, não é o seu conteúdo, mas o contexto. O conteúdo é determinado pela relação terapêutica, entre cliente e terapeuta, como estabeleceu Carl Rogers.

### *2.2.1 Abordagem transcêntrica na pessoa*

É importante ressaltar que na década de 70, Rogers começa a abordar sobre sua percepção de uma nova atitude facilitadora, além das três outras mencionadas anteriormente (compreensão empática, aceitação positiva incondicional e congruência). A quarta atitude seria justamente a conexão do terapeuta com a consciência cósmica, com seu eu interior, alcançada através do estado alterado de consciência. As terapias transpessoais são as únicas a aceitarem que a alteração da consciência é um meio possível e eficaz para explorar os potenciais curativos e transformacionais das faixas superiores do psiquismo. Contudo, o próprio autor supracitado descreve essa nova atitude, que se faz cada vez mais presente no processo psicoterapêutico, como um estado de consciência transcendental:

Quando estou em minha melhor forma, como facilitador de grupo ou como terapeuta, descubro uma nova característica. Percebo que quando estou o mais

próximo possível de meu eu interior, intuitivo, quando estou de alguma forma em contato com o que há de desconhecido em mim, quando estou, talvez, num estado alterado de consciência ligeiramente alterado, então tudo o que faço parece ter propriedades curativas. [...] parece que meu espírito alcançou e tocou o espírito do outro (ROGERS, 1983, p. 47).

E ainda:

Tenho a certeza de que nossas experiências terapêuticas e grupais lidam com o transcendente, o indescritível, o espiritual. Sou levado a crer que eu, como muitos outros, tenho subestimado a importância da dimensão espiritual ou mística. (ROGERS, 1983, p. 53).

Sendo assim, fica claro que a partir dessa percepção, o terapeuta e o cliente (ou o grupo) participam de uma experiência integrativa que de certa forma transcende os limites da identidade presumida naquele espaço. Dessa maneira, é possível, no processo psicoterapêutico, incorporar uma visão transcendente e espiritual do ser humano e da realidade. Para o autor Boainain Junior (1998, p. 101) surge então, a possibilidade de uma nova forma de atuação prática, uma “terapia centrada no transpessoal”:

[...] seria um quarto momento no qual se lança decididamente em uma busca espiritual, sem com isso negar nada do construído anteriormente, numa síntese cada vez mais abrangente. Talvez pudéssemos defini-lo encontrando um conceito-chave cunhado não faz muitos anos, como um momento transpessoal (BOAINAIN JUNIOR, 1998 apud RUD, 1994, p. 101).

Com isso, a vivência da espiritualidade é vista como uma continuidade natural do processo psicoterapêutico centrado na pessoa. Sendo assim, a perspectiva espiritual na terapia pode ser compreendida como uma conscientização nos níveis mais profundos da busca pessoal, ou seja, de uma jornada interior rumo ao centro da pessoa (BOAINAIN JUNIOR, 1998). Assim, a transcendência é reveladora de um projeto de formação humana que não cessa de ampliar, pois, revela o inacabamento do humano.

Os óculos que colocamos para enxergarmos a nós mesmos e ao mundo determinam o tipo de imagem que veremos [...] Colocando óculos holísticos, algumas das dificuldades, preocupações, tristezas e doenças que atravessam o nosso caminho parecerão mais compreensíveis e aceitáveis. Muitas vezes seremos capazes de eliminar algumas das dificuldades maiores ao enxergá-las sob uma nova perspectiva, conseguindo perceber uma solução até então escondida, ou uma nova abordagem que não nos havia ocorrido antes (PIETRONI, 1988, p. 9).

Quando a/o terapeuta tem essa percepção e se propõe a estar conectado com seu eu interior e com o todo, têm-se os melhores momentos da terapia, ou seja, quando se perde a

noção do tempo e ambos estão vivenciando um estado alterado de consciência, ambos estão funcionando plenamente. Nesses *momentos de mudança em terapia*, como descreve Bowen (1987), o intelecto e a razão estão conectados à emoção e à intuição, proporcionando uma integração de ordem supraracional.

Eu gosto de descrever o momento de mudança em terapia como um momento espiritual. Por “espiritual” quero dizer um momento no qual operamos a partir do *Self* interno e conseqüentemente, nos sentimos interligados com a energia do Universo. Em momentos como esse, nós não somos uma parte fragmentada do todo. Nós “somos” o todo. Limites entre Eu-Você-Ele-Natureza-Deus desaparecem. Não existe nada de pensamento envolvido, nós somos pura consciência, pura vivência (BOWEN, 1987, p. 111).

Sendo assim, fica clara a importância de considerar a espiritualidade no âmbito da psicologia como um todo, uma vez que a existência humana está fundamentada e permeada por esse fenômeno. Portanto, “esse *eu* visto sob o prisma da espiritualidade é justamente a centelha do divino em nós” (BOAINAIN JUNIOR, 1998 apud SÁ, 1989, p. 13), e o processo psicoterapêutico se apresenta como um caminho para o eu interior, para a autotranscendência, não deixando de considerar que pode ser comparada a uma jornada interior. Nesse contexto, o terapeuta tem um grande papel, o de facilitar essa jornada de maneira sensível e intuitiva, se apresentando como um instrumento através do qual a cura pode acontecer. Para desenvolver essa intuição e ir em direção ao eu interior e, conseqüentemente, à autocura, é necessária uma postura de desviar, de certa forma, o foco exclusivo no mundo objetivo.

Muitos dos seres humanos podem atingir níveis mais profundos de sabedoria interior, intuindo em si mesmos tudo aquilo de que necessitam para tornar suas vidas mais de acordo com o que realmente desejam, caso se disponham a voltar-se para dentro. A conscientização per se – em si e por si – pode ser curativa (WITTINE 1993, p. 165).

Por fim, é importante salientar também que a Psicologia Transpessoal não possui um caráter de adesão religiosa. Mesmo considerando a vida espiritual como parte integrante da vida biológica, e encarando a busca da realização espiritual mediante a transcendência como algo intrínseca à natureza humana, esta não é filiada a nenhum segmento religioso. Para Grof e Grof (2010), o espiritual considera as experiências pessoais que proporcionam uma qualidade numinosa. É uma experiência capaz de modificar a visão de sujeito e o sujeito por inteiro.

[...] o numinoso é, portanto, um termo que traduz a qualidade da percepção e da vida que se tornou espiritual. Nesse âmbito, a espiritualidade é aquela experiência que

tem o potencial de tornar a visão de um sujeito numinosa, ou seja, o olhar sobre si mesmo e sobre o mundo passa a ser radicalmente diferente, extraordinário, sagrado (SILVA; FERREIRA, 2015, p. 108).

Sendo assim, a abordagem do espiritual e do religioso é realizada através de fatores empíricos, “pela atenção ao fenômeno experiencial, assim como pela consideração de seus efeitos psicológicos e suas implicações para a compreensão da estrutura, da dinâmica e do desenvolvimento da personalidade” (BOAINAIN, 1998. p. 51).

### **2.3 A espiritualidade como dimensão inerente ao ser humano**

Durante milênios a espiritualidade humana foi expressa majoritariamente através de vivências e linguagens que apresentavam um caráter religioso. Nas antigas sociedades a religião era algo indissociável das outras esferas da vida social, visto que ela estava ligada diretamente às questões de ordem política e também familiar. Diante disso, o sentido da vida era pensado tendo em vista a religiosidade predominante do todo. Posteriormente, na modernidade, ocorreu uma progressiva dissociação entre a religião e as outras instâncias vivenciadas no cotidiano (CAMBUY;AMATUZZI;ANTUNES, 2006). Sendo assim, a religião não é a única maneira possível de expressão da espiritualidade. Existem experiências de profundo sentido espiritual que não se enquadram como religiosas.

Para esclarecer a afirmação anterior, faz-se necessário discorrer sobre os conceitos de religiosidade e religião, conectada com o conceito de espiritualidade. Tanto a espiritualidade quanto a religiosidade buscam a afirmação de um sentido, contudo, os caminhos utilizados para se chegar até lá é o que diferencia essas duas vivências. Dessa maneira, a religiosidade é a experiência individualizada do transcendente, ou seja, ela só existe porque há no ser humano “uma consciência e um *self* em condições de dar sentido ao que percebe em si, nos outros e no mundo.” (VALLE, 2005, p. 94). É importante ressaltar que para esse mesmo autor, a religiosidade é simultaneamente um produto de um processo de socialização e também uma experiência única de caráter místico.

Assim, fica evidente que o ser humano expressa a sua religiosidade através da identificação e ligação a uma religião. A mesma pode ser caracterizada por um sistema organizado de crenças, práticas, rituais e símbolos delineados para facilitar a aproximação dos seres humanos com o sagrado e com o transcendente. De acordo com Oliveira e Jungues (2021, p. 470), “todas as religiões têm como base a experiência com uma realidade misteriosa e fascinante que se apodera do ser humano, manifestando a presença de algo transcendente

que é sentido no cotidiano da existência humana e com grande capacidade de transformar a vida”. Dentro dessa perspectiva, a fé pode ser um importante aspecto que se faz presente na vivência da religiosidade. A sua definição complementa o entendimento sobre esse assunto, sendo que a fé “não é uma afirmação teórica, de algo incerto; é a aceitação existencial de algo que transcende a experiência ordinária” (TILLICH, 1976, p. 130). Já para James Fowler (1992, p. 24), fé pode ser a “categoria mais fundamental na busca humana de relacionamento com a transcendência”, e nesse sentido, se mostra como algo que não deve ser confundido com a crença religiosa, uma vez que a mesma pode estar presente ou não na vida das pessoas. Diante desse contexto, o autor complementa dizendo:

[...] a fé não é uma dimensão separada da vida, uma especialidade compartimentada. A fé é uma orientação da pessoa total, dando propósito e alvo para as lutas e esperanças, para os pensamentos e ações da pessoa [...] é uma forma ativa de ser e comprometer-se, um meio para adentrarmos e modelarmos as nossas experiências de vida [...] é sempre relacional, sempre há um outro na fé (FOWLER, 1992, p. 25).

A fé, a partir desse entendimento, se apresenta como algo próprio do ser humano e que, no que lhe concerne se relaciona também com o modo pelo qual a pessoa se relaciona com os outros e também consigo mesma, e conseqüentemente, com seu desenvolvimento pessoal. Segundo Wilber (2000), esse processo de crescimento humano ocorre a partir de duas grandes dimensões, sendo elas a horizontal, denominada translativa, e a vertical, chamada transformadora. No campo horizontal podem ser encontradas as religiões, que como exposto anteriormente, tem como função oferecer significado e interpretação a partir de dogmas e crenças institucionalizadas. Já no campo vertical pode ser encontrada a espiritualidade autêntica, cuja função é transformar intimamente o ser humano (WILBER, 2000).

Faz-se necessário então, compreender o que é a espiritualidade, conceito central dessa pesquisa. Pode-se afirmar que a mesma “[...] designa toda vivência que pode produzir mudança profunda no interior do homem e o leva à integração pessoal e à integração com outros homens” (GIOVANETTI, 2005, p. 137). Com o intuito de elucidar esse conceito tão importante, será utilizada também a definição de Valle (2005). Dessa maneira, o conceito de espiritualidade é apresentado por ele como:

[...] uma necessidade psicológica constitutiva de todo ser humano. É algo tão básico e elementar como a necessidade de desenvolver a autoconsciência ou estabelecer relações saudáveis com os demais seres humanos. Ela consiste essencialmente em uma busca pessoal de sentido para o próprio existir e agir. [...] Orienta-se para o porquê último da vida, mas sem fugir dos questionamentos e compromissos que a vida nos impõe, ajudando-nos a ter forças para nos comprometermos com eles (VALLE, 2005. p. 104)

Entende-se assim, a espiritualidade como algo intrínseco ao ser humano, caracterizada como uma busca de construção pessoal da relação com a totalidade, de abertura e experimentação do novo e também de questionamentos sobre a finitude. Sendo assim, pode-se concluir que o ser humano é evidentemente um ser espiritual.

O termo espiritual aqui não se dirige a algo da sacralidade ou ligado à religiosidade, mas como aquilo que dá ao homem essa capacidade de unicidade e de busca de sentido. Além do biológico, do psíquico e do sociológico, há no humano essa dimensão espiritual: *noos*, o espiritual refere-se ao *noos* ou logos (*nous*) e pode ser chamado de noético. O espiritual vai mais além do religioso ou do supranatural. O noético ou espiritual só pode ser encontrado numa dimensão superior e especificamente humana (SOUZA; GOMES, 2012, p. 51).

### 2.3.1 Espiritualidade na prática clínica psicológica

Na Constituição Federal de 1988, em seu artigo 5, mais especificamente no inciso VIII, (BRASIL, 1988), é assegurada a liberdade religiosa de todos os brasileiros e estrangeiros que vivem no Brasil. Além disso, a laicidade do Estado também é garantida e entendida como um princípio pétreo que jamais pode ser colocado em questão, visto que essa é a base que assenta a igualdade de direitos a todos, tendo em vista a vasta diversidade cultural e religiosa presente no país.

Diante disso, é necessário ressaltar a necessidade da laicidade da ciência psicológica nos contextos de atuação profissional. No Brasil, o Sistema de Conselhos de Psicologia reconhece a importância dessa dimensão na constituição de subjetividades e também, prioriza o diálogo entre os conhecimentos do âmbito da espiritualidade e da Psicologia, para possibilitar um maior conhecimento das interfaces estabelecidas entre elas (CFP, 2013).

XI. Reconhecemos a importância da religião, da religiosidade e da espiritualidade na constituição de subjetividades, particularmente num país com as especificidades do Brasil. [...] Reconhecemos, também, que toda religião tem uma dimensão psicológica e que, apesar da Psicologia poder ter uma dimensão espiritual, ela não tem uma dimensão religiosa, o que nos remete à necessidade de aprofundarmos o debate da interface da Psicologia com a espiritualidade (CFP, 2013, p. 2).

No campo da saúde, considerar espiritualidade, religiosidade e crenças pessoais é considerar o modo como as pessoas atribuem significado à vida na busca pelo bem-estar. Ainda conforme a Nota Técnica do Sistema Conselhos de Psicologia (2013), a espiritualidade, no campo de conhecimento da Psicologia, é definida como o “fundamento sagrado da vida,

aquilo que confere sentido [...] bem como o fundamento dos saberes tradicionais e suas racionalidades”. (CFP, 2013, p. 2).

Dada a importância desse tema no âmbito da Psicologia, faz-se necessário enaltecer a existência do Grupo de Trabalho 49 (GT 49), denominado Psicologia & Religião, pertencente à Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (ANPEPP). A ANPEPP é uma organização sem fins lucrativos que tem por objetivo congregar programas de pós-graduação vinculados a instituições de ensino superior, para fomentar e estimular a formação de profissionais para pesquisa e pós-graduação em Psicologia. Nesse contexto, o GT “Psicologia & Religião”, surgiu com a perspectiva de preencher uma grande lacuna no âmbito da psicologia científica brasileira: a quase total ausência de pesquisas, produções e publicações sobre o tema da Psicologia da Religião. Ele foi criado em 1998 e desde então promove o desenvolvimento desse campo, em que o estudo da espiritualidade se encontra.

Para Genaro Junior (2011), o trabalho que sustenta a espiritualidade emergente da pessoa atendida, quer ela seja atea ou crente, pode ser considerado terapêutico. Quando tais dimensões da subjetividade humana são consideradas, não se trata de abordar questões de crenças dogmáticas ou de adentrar no campo teológico místico, mas sim de exercer o cuidado próprio do ser humano, um cuidado ético.

A espiritualidade é um elemento constitucional e compartilhado pelos seres humanos. Uma força ou tendência natural, inerente à condição humana, que se manifesta na experiência individual ou social (pessoal ou coletiva) e impulsiona, motiva as pessoas e grupos, na busca pelo entendimento do sentido (último) da vida. Tal sentido pode ser de ordem natural (humano) ou sobrenatural (transcendente). A espiritualidade se materializa no conjunto vívido e diverso de crenças (pessoais e coletivas), de forma consciente e/ ou inconsciente. Possibilita o encontro entre os seres humanos no respeito à diversidade. Sendo este conjunto diverso de crenças considerado fundamentais (sagrado) (BERNI, 2016, p. 54).

Vale ressaltar que as recomendações existentes no Código de Ética da Psicologia, enfatizam que o profissional não deve influenciar ou induzir a pessoa atendida a determinados posicionamentos religiosos ou práticas espirituais, contudo, esse posicionamento não desconsidera ou negligência essa dimensão na escuta clínica (CFP, 2005). Esse conhecimento é validado através da noção multidimensional de saúde proposta pela OMS (WHO, 1998), em que considera o ser humano dentro de sua totalidade, ou seja, como um ser biopsicossocial e espiritual. Assim, pautar-se na obrigatoriedade da laicidade não implica negar uma interface que pode ser estabelecida pela psicologia e a espiritualidade, como é o caso da presente pesquisa.

Diante do exposto, faz-se necessário então, o igual reconhecimento da espiritualidade do terapeuta e não somente da pessoa atendida, visto que o seu cultivo se torna essencial no

processo de aproximação e encontro pleno com o outro. De acordo com Rigacci Junior (2005), esse encontro humano pode ser considerado uma experiência espiritual. Isso ocorre, pois, se dá através da intersubjetividade, ou seja, uma relação recíproca entre dois ou mais sujeitos que se constitui por meio da linguagem e da reciprocidade do reconhecimento. É possível afirmar então que “o essencial compromisso com os outros, com a sua causa, ganha em profundidade e riqueza quando vem acompanhado pelo exercício da vida espiritual” (TEIXEIRA, 2005, p. 29).

Outro ponto importante a ser ressaltado é a questão da espiritualidade e sua relação com a cultura. Diante disso, pode-se perceber que a espiritualidade é algo presente e inegável na vida dos seres humanos, já que exerce influência na maneira com que se relacionam com o mundo, tanto pela via de suas crenças quanto pelo fato de estarem inseridos em uma determinada cultura. É preciso então, que a/o terapeuta se coloque disponível para refletir sobre diferentes culturas e visões de mundo que aparecerão no contexto clínico, tendo sempre uma postura de consideração positiva incondicional sobre essa realidade e esse indivíduo. (CUNHA; SCORSOLINI-COMIN, 2019).

Tendo em vista o entendimento desse elemento como parte do processo cultural, quando bem interpretado, pode fornecer informações valiosas para o andamento do processo psicoterapêutico (CUNHA; SCORSOLINI-COMIN, 2019). Sendo assim, a/o terapeuta deve considerar sempre o contexto social e cultural em que a pessoa atendida está inserida, considerando e respeitando as expressões da mesma sem qualquer constrangimento ou induções para essa temática, em consonância com as diretrizes éticas da atuação em Psicologia (CFP, 2005).

### **3 METODOLOGIA**

Para a realização da monografia em questão, parte-se do entendimento que a metodologia “inclui as concepções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam a construção da realidade e o sopro divino do potencial criativo do investigador” (MINAYO, 2002, p. 16). Para tal, o caminho metodológico percorrido ao longo do processo de uma pesquisa científica deve ser pautado pela articulação entre pensamentos, conteúdos e existência.

Sendo assim, primeiramente foi realizada uma pesquisa bibliográfica, através de uma revisão de literatura, ou seja, “um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema.” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 158). A partir disso, foi feita uma seleção dos materiais e posterior leitura de livros e artigos científicos acerca do tema escolhido para a elaboração do referencial teórico. Dessa maneira, pode-se dizer que o trabalho realizado até a coleta de dados, através de entrevistas semiestruturadas, tem o caráter de pesquisa exploratória, visto que houve uma busca bibliográfica que se pautou por um levantamento de um referencial teórico que explorasse o tema proposto.

Portanto, em seu aspecto geral, a pesquisa em questão apresenta um cunho qualitativo que no âmbito da Psicologia, tem como foco o caráter subjetivo do objeto analisado, ou seja, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. A partir do exposto, faz-se necessário ressaltar que a pesquisa na totalidade foi fundamentada por teorias e conceitos da Psicologia Humanista, mais especificamente da Abordagem Centrada na Pessoa e da Psicologia Transpessoal.

#### **3.1 Participantes**

Para a participação da pesquisa, alguns critérios foram estabelecidos para a escolha dos participantes. Para tal, deveriam ser entrevistados terapeutas que necessariamente cursaram a graduação em Psicologia e que utilizavam, atualmente, a Abordagem Centrada na Pessoa ou a Psicologia Transpessoal como fundamentação teórica para sua prática clínica.

Sendo assim, nove terapeutas que cumpriam os critérios citados foram convidados pela pesquisadora para serem entrevistados voluntariamente, sendo eles: Terapeuta 1 (T1), sexo masculino, formado pela PUC Minas em Belo Horizonte há trinta e três anos e utiliza a Abordagem Centrada na Pessoa juntamente com a análise existencial; Terapeuta 2 (T2), sexo

feminino, formada pela PUC Minas em Poços de Caldas há nove anos, utiliza somente a Abordagem Centrada na Pessoa; Terapeuta 3 (T3), sexo feminino, formada pela Universidade de Guarulhos (UNG) em São Paulo há trinta e sete anos, utiliza a Psicologia Transpessoal; Terapeuta 4 (T4), sexo feminino, formada pela Universidade de Guarulhos (UNG) em São Paulo há dezessete anos, utiliza a Abordagem Centrada na Pessoa juntamente com a Logoterapia; Terapeuta 5 (T5), sexo feminino, formada pela Universidade do Vale do Sapucaí (Univas) em Pouso Alegre há treze anos, utiliza a Abordagem Centrada na Pessoa juntamente com técnicas da Psicologia Transpessoal; Terapeuta 6 (T6), sexo feminino, formada pelo Centro de Estudos Superiores em Maceió há vinte e quatro anos, utiliza a Abordagem Centrada na Pessoa juntamente com técnicas da Gestalt e do Psicodrama; Terapeuta 7 (T7), sexo feminino, formada pelo Centro Universitário das Faculdades Associadas (UNIFAE) em São João da Boa Vista há seis anos, utiliza a Psicologia Transpessoal; Terapeuta 8 (T8), sexo feminino, formada pela Fundação Mineira de Educação e Cultura (FUMEC) em Belo Horizonte há vinte e sete anos, utiliza Psicologia Transpessoal juntamente com a abordagem Eriksoniana; Terapeuta 9 (T9), sexo masculino, formado pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) há dezoito anos, utiliza a Psicologia Transpessoal.

### **3.2 Instrumento de coleta de dados**

As perguntas foram realizadas a partir de um roteiro previamente estabelecido e igual para todos os terapeutas, independente da utilização da Abordagem Centrada na Pessoa ou da Psicologia Transpessoal em sua prática clínica. De acordo com Gil (2008), a entrevista semiestruturada é um canal de diálogo que facilita a troca de informações daquele que busca informações, ou seja, a pesquisadora, com aqueles que podem contribuir ricamente com suas falas, os entrevistados. Sendo assim, é possível incluir outras perguntas ao decorrer da entrevista sem estarem previamente programadas.

As nove entrevistas foram realizadas individualmente e aconteceram entre os meses de junho e agosto de 2021 e duraram em média 30 minutos. O roteiro com as perguntas semiestruturadas (Apêndice B) apresenta questões relacionadas à espiritualidade e à experiências transpessoais e como as mesmas se relacionam com o processo psicoterapêutico, a partir da visão dos terapeutas.

É importante ressaltar que devido à necessidade do distanciamento social provocado pela pandemia de Covid-19, as entrevistas foram realizadas virtualmente, através do Google

Meet, uma plataforma virtual que permite a reprodução de áudio e vídeo em uma videochamada síncrona entre o/a participante e a pesquisadora.

A pesquisa em questão foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) envolvendo Seres Humanos da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, e aprovada com o CAAE: 38584620.8.0000.5137. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A) foi enviado previamente para que cada participante pudesse assinar caso concordasse em participar voluntariamente da pesquisa. No Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi explicado aos participantes que o áudio da entrevista seria gravado para poder ser posteriormente transcrito, assegurando o sigilo sobre a participação dos mesmos em todas as fases da pesquisa.

### **3.3 Procedimento de análise dos dados**

Para a análise dos dados levantados nas entrevistas, utilizou-se a Análise de Conteúdo. Essa categoria de dispositivo de análise pode ser definido como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens” (BARDIN, 2011, p. 42). Para tal, existem três fases essenciais para a organização e realização dessa análise, sendo elas: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, respectivamente.

Sendo assim, primeiramente, realiza-se a pré-análise, ou seja, uma organização inicial dos dados coletados. Para isso, todas as falas foram transcritas, uma vez que houve a permissão de cada terapeuta para a gravação das entrevistas. Dessa maneira, a pesquisadora realizou a leitura flutuante das mesmas e preparou o material. Seguindo para a segunda fase, foi realizada a exploração do material, composta pela escolha das categorias e seus recortes. A entrevista era composta por apenas seis perguntas principais, respondidas por todos os terapeutas entrevistados. É importante ressaltar que como a proposta de entrevista semiestruturada possibilita uma liberdade maior em sua realização, em algumas situações houve alternância na ordem das perguntas a depender do assunto abordado da resposta de cada entrevistado. Importante esclarecer, ainda que, optou-se por fazer uma análise descritiva do conteúdo respondido, comparando pergunta por pergunta, visto que cada uma foi direcionada para um tema, neste sentido, cada pergunta acabou por dar origem a uma categoria própria de análise.

Na terceira fase foi realizado o tratamento dos resultados obtidos, bem como a interpretação dos mesmos. Para isso, as falas dos terapeutas serão constantemente relacionadas e comparadas com a revisão bibliográfica realizada anteriormente.

## 4 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Ao todo, foram realizadas nove entrevistas semiestruturadas com terapeutas formados em Psicologia, sendo que quatro utilizam a Abordagem Centrada na Pessoa e outros cinco utilizam a Psicologia Transpessoal, para fundamentar a prática clínica. Os resultados dessa coleta de dados serão analisados através da técnica de Análise de Conteúdo desenvolvida por Laurence Bardin (2011). É importante ressaltar que as falas dos entrevistados serão escritas no modo itálico, com o intuito de diferenciar as mesmas das demais citações da pesquisa, possibilitando assim, uma maior visibilidade. E, naturalmente, seguindo os parâmetros éticos de uma pesquisa científica, manteve-se o sigilo quanto às identidades das pessoas envolvidas. Portanto, serão utilizadas as abreviações T1, para indicar o terapeuta número 1 e assim sucessivamente até T9 (terapeuta número 9).

### 4.1 A temática da espiritualidade na formação em Psicologia

A pergunta que deu início às entrevistas com os terapeutas foi a seguinte: “Ao longo de sua formação acadêmica lhe foi apresentada fundamentação teórica relacionada à espiritualidade? Se não, foi necessário estudar posteriormente sobre esse tema para atender as demandas clínicas?”. Essa questão foi pensada devido à importância desse assunto, sobretudo na formação acadêmica dos cursos da área da saúde, tendo em vista que a OMS (1998) define a dimensão da espiritualidade como inerente ao ser humano. Dessa maneira, entende-se que incluir a temática da espiritualidade na formação de futuras/os psicólogas/os é essencial para o desenvolvimento de habilidades e atitudes coerentes com a proposta da política de humanização nas práticas de cuidado em saúde.

Contudo, foi possível observar que oito dos nove terapeutas entrevistados consideram que não tiveram uma fundamentação teórica sólida acerca da espiritualidade ao longo da graduação em Psicologia. Como destaca T3, muitas vezes o tema era excluído das discussões acadêmicas, uma vez que não se tinha clareza sobre o assunto:

*Você há de imaginar né, que lá em 1980, não. Absolutamente não. Até porque, o próprio tema em si, da espiritualidade, ainda não era muito conhecido, muito abordado. Havia muita confusão sobre o que significasse a espiritualidade. Então, não. Não tínhamos nem o estímulo pra isso. Ao contrário, a gente tinha até uma repressão disso (Terapeuta 3 - T3).*

Através dessa fala é possível perceber que a temática muitas vezes é deixada de lado no âmbito da Psicologia, seja pelo preconceito ou até mesmo por falta de conhecimentos sobre o assunto. Segundo Silva e Ferreira (2015, p. 96), o que acontece no campo psicológico pode ser denominado como uma espécie de “eclipse da espiritualidade, o que acaba impossibilitando a emergência de um sujeito espiritual e de uma psicologia como cuidado”.

Mesmo as duas entrevistadas que tiveram sua formação mais recente, T2 e T7, respectivamente, relataram que não houve disciplinas em que a espiritualidade foi abordada de maneira teórica, somente alguns eventos isolados ou pequenos comentários durante determinadas disciplinas.

*Na graduação assim, eu me lembro de ter palestras, né, não me lembro de ter em disciplinas específicas ou que abordassem diretamente (Terapeuta 2 - T2).*

*Não foi passado muito não. Acho que é passado um pouquinho na Humanista. Na Cognitivo-comportamental tinha uma professora que ensinou algumas técnicas de meditação né, eles utilizam algumas técnicas também. Então, ela citou assim, mas não consta na grade, não é um assunto falado não, infelizmente. [...] E após a formação na faculdade eu não tinha muito manejo pra lidar com os assuntos da espiritualidade. Até pela questão de que às vezes a gente aprende um pensamento muito conservador na faculdade (Terapeuta 7 - T7).*

Notou-se que apesar do tema ser apresentado em alguns eventos e palestras ou até mesmo em disciplinas de Psicologia Analítica, Psicologia Humanista e Psicologia Cognitivo-comportamental, como comentou T7, a maioria dos entrevistados apresenta dificuldade de reconhecer que tiveram contato sobre a temática.

Além disso, no final da fala de T7 é possível destacar também certa insegurança em relação ao manejo adequado que deve ser realizado quando as pessoas atendidas apresentam queixas ou demandas que incluem a dimensão espiritual. Para Simão (2015), por algumas dessas demandas serem permeadas por vivências espirituais e místicas faz-se necessário que a/o profissional tenha conhecimento e, principalmente, uma postura ética adequada diante dos clientes. No Código de Ética profissional da Psicologia (CFP, 2005), fica claro que a indução à qualquer convicção religiosa é vedada, bem como ser conivente com atos que caracterizem discriminação ou opressão. Possivelmente, o receio de infringir essas normas apareceu nas respostas de T1 e T6, onde a neutralidade da/o terapeuta no contexto clínico ficou evidente:

*Porque assim, na Psicologia, a gente ouve as pessoas, então independente do tipo de relação que eu tenho com os mistérios né, o que ta em questão não sou eu, é o outro. Então, eu sempre procurei ouvir o outro dentro das diversas possibilidades de crenças e dentro das diversas manifestações das suas dimensões, sejam elas quais forem, sobretudo a espiritual (Terapeuta 1 - T1).*

*Eu não acho que foi necessário estudar esse tema para as demandas clínicas. Eu me coloco neutra nos atendimentos e a espiritualidade e a religião que o cliente traz eu respeito, não coloco a minha e nem preciso interferir na dele (Terapeuta 6 - T6).*

Na fala de T6, foi relatada que a mesma não sentiu necessidade de estudar sobre espiritualidade para atender às demandas clínicas. Contudo, é importante ressaltar novamente a distinção dos conceitos de espiritualidade e religiosidade, bem como de religião, visto que ao longo das entrevistas, em alguns momentos, percebeu-se certa incompreensão e confusão dos mesmos. Segundo Valle (2005), a espiritualidade é uma busca pessoal para entender as questões relacionadas ao sentido último da vida e compreender as relações com o sagrado ou transcendente que, pode ou não, levar ao desenvolvimento de práticas religiosas. A religiosidade, por sua vez, é uma expressão pessoal referente a vivências e experiências vinculadas a uma religião institucionalizada, ou seja, a um sistema organizado de crenças que busca fazer uma ponte entre os seres humanos e o sagrado (OLIVEIRA; JUNGUES, 2012).

Em contrapartida, a maioria das respostas apontou que foi sim preciso estudar posteriormente sobre assuntos relacionados à espiritualidade, bem como à religiosidade para atender algumas demandas clínicas, visto que na graduação não foi passado um aporte teórico consistente. Outro ponto interessante é que alguns terapeutas relataram possuir interesse pessoal pela temática e, por isso, fizeram pós-graduações que se relacionavam direta ou indiretamente à espiritualidade. De acordo com elas, foi nesse ambiente que encontraram mais subsídios teóricos acerca da dimensão espiritual e religiosa para prática clínica. T3, por exemplo, comentou que essa necessidade de estudo e de aproximação com a espiritualidade surgiu antes mesmo das demandas clínicas aparecerem. Ou seja, houve uma identificação pessoal por esse tema e, a partir do momento em que esse conhecimento fazia parte da vida da terapeuta, conseqüentemente, esses saberes eram levados para o contexto clínico. Nesse contexto, T2 e T5 relataram, respectivamente acerca das suas experiências com as demandas que surgiram ao longo dos processos psicoterapêuticos:

*Essa questão da espiritualidade, ela surge na clínica de diversas formas, né? [...] as pessoas geralmente falam sobre as suas próprias experiências, né? Dentro de religiões ou fora delas também, às vezes algum questionamento sobre esse campo. Então, com certeza eu fui estudar, eu fui buscar um pouco mais até pelas demandas que chegavam mesmo (Terapeuta 2 - T2).*

*Eu tenho um público que toca neste assunto, que enfim, que em algum momento traz né, uma necessidade ou suas questões, envolvimento com algum tipo de religião, né? E mesmo assim, em algum momento a gente percebe que tem ali um vazio, que tá faltando algum outro tipo de busca que possa organizar um outro sentido (Terapeuta 5 - T5).*

Diante desses relatos, faz-se necessário ressaltar a necessidade de profissionais compreenderem o ser humano de maneira integral, ou seja, voltarem seus olhares para todas as dimensões do ser humano, inclusive a espiritual. Para Michel Foucault (2006), a razão pela qual foi sendo esquecido e apagado o preceito “natureza espiritual” no processo de produção e acesso à verdade está no que denominou “momento cartesiano”. Nesse contexto, principalmente na sociedade ocidental onde a ciência positivista é predominante, a dimensão espiritual vem sendo negada como elemento fundamental da formação dos indivíduos e até mesmo desqualificada por muitos. Assim, é notável a importância da disciplina de Cultura Religiosa nas Universidades e Faculdades que oferecem graduação em Psicologia para ser valorizada cada vez mais essa visão integral e holográfica do ser humano, bem como defende a OMS (1998). Considerando a espiritualidade da pessoa atendida, a/o terapeuta facilita o desenvolvimento da mesma e auxilia na promoção e prevenção da saúde de forma eficaz. T8 comentou sobre essa questão:

*O autoconhecimento faz com que a pessoa possa fazer uma aliança com a própria parte numinosa e se curar, né? Mas o que eu penso que realmente faz esse processo de cura acontecer é a espiritualidade, é a conexão com a própria espiritualidade, que é fundamental e que por motivos acadêmicos e culturais a gente se desligou disso (Terapeuta 8 - T8).*

Portanto, fica evidente que ao eliminar a espiritualidade dos processos de formação do psicólogo, é eliminada também a possibilidade de fazer da Psicologia uma estratégia de cuidado e crescimento humano integral e efetivo.

#### **4.2 (Auto)desenvolvimento através da busca pela espiritualidade**

A clínica psicológica pode ser um espaço de promoção à saúde mental e de favorecimento do (auto)desenvolvimento humano através de um ambiente acolhedor proporcionado por atitudes facilitadoras do terapeuta (ROGERS, 1997). Tendo em vista as teorias propostas pela Psicologia Humanista, a qual abrange a Abordagem Centrada na Pessoa, e também pela Psicologia Transpessoal, compreende-se a necessidade de uma escuta clínica que considere o ser humano em sua totalidade para que esse (auto) desenvolvimento ocorra. Sendo assim, é preciso que o terapeuta reconheça a dimensão espiritual inerente ao ser humano e estude sobre ela ao longo de sua formação e também de sua atuação profissional. Partindo desses pressupostos, a segunda pergunta realizada aos entrevistados foi: “Na sua

visão, qual é a relevância da busca pela espiritualidade/experiências transpessoais para o processo psicoterapêutico?”.

Através das respostas obtidas, observou-se que oito dos nove terapeutas entrevistados mencionaram que a busca pela espiritualidade possui grande relevância no processo de desenvolvimento do ser humano, bem como no processo psicoterapêutico. T3 ressaltou a necessidade de compreender o ser humano de maneira total, integrando todas as suas dimensões, bem como propõe a OMS (1998), e deu destaque para a dimensão espiritual:

*Se nós compreendermos que o ser humano é um ser biopsicossocial e espiritual, parece que a gente nem precisa explicar muito o quanto é importante que o terapeuta tenha desenvolvido esse olhar de integralidade, né? [...] Tem uma frase que diz: “nós somos seres espirituais vivendo uma experiência humana” (Terapeuta 3 - T3).*

Nessa fala, fica evidente a importância desse entendimento por parte do terapeuta, ou seja, é preciso que ele possua esse olhar integrativo para que seja possível escutar o outro em sua totalidade. T3 aborda sobre a natureza espiritual do ser humano tendo em vista as bases teóricas da Psicologia Transpessoal que compreende o ser humano como um ser espiritual, ou seja, que se apoia na ideia de que a subjetividade é eminentemente espiritual (FERREIRA; SILVA; SILVA, 2015). Diante disso, a natureza humana se caracteriza como um processo e não como algo fixo e imutável. "Significa que a pessoa é um processo fluido, não uma entidade fixa e estática; um rio corrente de mudanças, não um bloco de material sólido; uma constelação de potencialidades mutáveis, não uma quantidade fixa de traços" (ROGERS, 1997, p. 138). Assim, o processo de subjetivação não é pessoal, mas sim, transpessoal. Nesse contexto, é essencial que o terapeuta apresente uma abertura para o transpessoal, sobre isso T9 relatou: “*Eu não me vejo trabalhando como psicólogo sem ser essa abertura*”.

Ainda ressaltando a relevância da busca pela espiritualidade no processo psicoterapêutico, outro aspecto importante mencionado pelos terapeutas é que essa demanda aparece na clínica, ou seja, a espiritualidade é um assunto abordado por muitas pessoas atendidas, relacionada às vivências religiosas ou não. Sobre isso, T2 e T9 comentaram:

*Eu penso que é muito importante, porque a espiritualidade, ela é um aspecto da vida humana, nós todos vivemos a espiritualidade de alguma forma, né? Seja ligada a alguma religião específica ou não, não necessariamente a pessoa vai ter uma religião formal (Terapeuta 2 - T2).*

*Eu penso que é fundamental.[...] Se a pessoa é ligada a uma tradição espiritual, eu acho que isso só pode ajudar no processo terapêutico. E também respeitando quando a pessoa não tem. Mas mesmo a pessoa que não tem conexão com alguma*

*tradição espiritual, ela tem uma conexão com o mistério. Ela tem conexão com uma meditação, com um relaxamento. Então, eu considero fundamental (Terapeuta 9 - T9).*

Considerar espiritualidade, religiosidade e crenças pessoais no processo psicoterapêutico é considerar o modo como as pessoas atribuem significado à vida na busca pelo bem-estar e também por um sentido último. Para Berni (2016, p. 54), a espiritualidade pode ser definida como “um elemento constitucional e compartilhado pelos seres humanos. Uma força ou tendência natural, inerente à condição humana, que se manifesta na experiência individual ou social e impulsiona, motiva as pessoas e grupos, na busca pelo entendimento do sentido da vida”.

Em relação à busca pelo sentido último da vida, T1 comentou que ao longo de sua atuação clínica, essa demanda aparece mais frequentemente em pessoas com mais de 50 anos de idade. “*Tem jovens, mas são raros. [...] Então, as pessoas mais velhas se aproximam mais. Acho que a morte, a própria finitude se constituindo, o envelhecimento do corpo, acho que é como se abrisse uma brecha no sujeito pra vir aí essa dimensão*”. Refletir acerca da finitude humana gera desconforto, e, segundo Kovács (2003), a concepção que o indivíduo possui sobre a morte possui grande influência sobre sua forma de ser e viver.

Sendo assim, compreender o ser humano na totalidade, ou seja, através da perspectiva do ser biopsicossocial e espiritual é fundamental visto que abarca seu jeito de ser, seu modo de se relacionar com os outros e consigo mesmo. T7 relatou que desde o primeiro atendimento psicoterapêutico realiza uma anamnese contendo aspectos referentes a todas as dimensões humanas.

*Eu já faço a entrevista inicial já perguntando da saúde física, da saúde mental, pensamentos, comportamentos, sentimento e aí eu já incluo a questão da espiritualidade. [...] Eu vejo que uma coisa complementa a outra, né? As dimensões estão ligadas, e aí eu consigo ter uma visão holística do cliente (Terapeuta 7 - T7).*

A atitude de T7 está em consonância com as orientações da Associação Psiquiátrica Americana (APA), que recomenda alguns procedimentos para que psicoterapeutas possam abordar e explorar os temas espiritualidade e religiosidade com as pessoas atendidas. Essas recomendações preconizam a compreensão do histórico e do envolvimento com a espiritualidade e com religiões, além da identificação do papel que essas instituições e vivências ocupam na vida da pessoa (APA, 2006). Diante disso, para Oliveira e Junges (2012), o processo psicoterapêutico que abrange o ser humano de forma holística propicia o

autoconhecimento do indivíduo, algo que vai além da escuta de sintomas e manejo de sofrimentos psíquicos somente.

Em sua fala, T7 relatou também que trabalhando dessa maneira as próprias pessoas atendidas começam a se perceber de maneira holística, mudando a perspectiva em relação a si mesmas. Nesse contexto, o autoconhecimento e o (auto)desenvolvimento podem ser considerados como um processo que leva a pessoa atendida a um encontro consigo mesma na sua interioridade, possibilitando assim, a promoção de sua saúde mental e também um maior sentido de vida (OLIVEIRA; JUNGES, 2012).

A visão de (auto)desenvolvimento humano tendo em vista o constante crescimento através da autorrealização foi proposta pelas teorias da Psicologia Humanista. A partir desse entendimento, todos os seres humanos possuem necessidades básicas, sendo elas: de vida, de segurança, de filiação e de afeição, de respeito e de dignidade pessoal, e de individuação ou autonomia. Para Maslow (1962), a pessoa transita de uma necessidade para a outra, sendo a primeira condição prévia e necessária para a segunda. Logo, as pessoas que satisfizeram suficientemente as suas necessidades básicas apresentam uma motivação inerente, chamada tendência atualizante, em direção à individuação (ou à autorrealização), ou seja, “uma tendência incessante para a unidade, a integração ou sinergia, dentro da própria pessoa” (MASLOW, 1962, p. 52). Em sua resposta, T3 comentou:

*A emergência da espiritualidade, ela é própria da vida humana. A busca de sentido, a busca dessa conexão com algo maior do que o eu é inerente ao ser humano, ao ser humano que já veio atendendo, como Maslow preconizou, as suas necessidades existenciais. A partir do momento que você se capacitou para atender às suas necessidades existenciais, vai emergir naturalmente uma necessidade de algo transcendente (Terapeuta 3 - T3).*

A partir desse entendimento de T3 de que os seres humanos buscam ir além da necessidade de individuação, ou seja, buscam algo transcendente e que se relaciona com a dimensão da espiritualidade, é possível estabelecer uma relação com o que o próprio autor supracitado considera acerca dessa mudança de paradigma:

*[...] considero a Psicologia Humanista, ou Terceira Força da Psicologia, apenas transitória, uma preparação para uma Quarta Psicologia ainda “mais elevada”, transpessoal, transumana, centrada mais no cosmo do que nas necessidades e interesses humanos, indo além do humanismo, da identidade, da individuação (MASLOW, 1962, p. 12)*

E ainda: “O objetivo da identidade (individuação, autorrealização) parece ser, simultaneamente, uma meta final em si e também uma meta transitória, um rito de passagem,

um passo no caminho da transcendência da identidade" (MASLOW, 1962, p. 144). T8, que utiliza a Psicologia Transpessoal para fundamentar sua prática clínica, ressaltou:

*O objeto de estudo da Transpessoal é a consciência, então, eu preciso realmente ir além pra que eu possa me conhecer e chegar a ser quem eu sou. Porque no final das contas, esse é o objetivo maior. É entender quem a gente é e ser quem a gente é nesse momento que a gente tá vivenciando (Terapeuta 8 - T8).*

A partir desse relato, é possível estabelecer uma relação entre a percepção de autorrealização humanista e a autotranscendência transpessoal, visto que ambas ressaltam a necessidade permanente do indivíduo de buscar a si mesmo e de tornar-se ele próprio. Nesse sentido, o processo psicoterapêutico é um facilitador visto que "ser o que se é, é mergulhar inteiramente num processo" (ROGERS, 1997, p. 200).

#### **4.3 A autorrealização como caminho para a autotranscendência**

Devido à importância do entendimento para a Abordagem Centrada na Pessoa e também para a presente pesquisa de uma tendência atualizante inerente ao ser humano, fez-se necessário compreender as relações que podem ser estabelecidas entre essa propensão ao crescimento e a busca pela espiritualidade. Para tal, foi realizada a seguinte pergunta aos terapeutas entrevistados: "De que maneira a tendência atualizante se relaciona com a busca da espiritualidade, da autotranscendência?". A partir das respostas obtidas, foi possível observar que sete dos nove entrevistados conseguiram estabelecer relação entre os conceitos principais.

A tendência atualizante se apresenta como o pressuposto básico da Abordagem Centrada na Pessoa, como já foi mencionado ao longo do corpo do trabalho. Contudo, ao responderem essa pergunta nas entrevistas, todos os terapeutas mencionam possíveis definições para esse conceito, embasados tanto por suas experiências práticas quanto por referenciais teóricos estudados ao longo da formação. Sendo assim, é importante retomar o que Rogers (1997, p. 40) conclui acerca desse conceito: "o indivíduo traz dentro de si a capacidade e a tendência, latente se não evidente, para caminhar rumo à maturidade. Em um clima psicológico adequado, essa tendência é liberada, tornando-se real ao invés de potencial". A partir dessa perspectiva, T1 e T8, respectivamente, comentaram sobre esse conceito a partir do exemplo que o próprio autor supracitado relata para explicar o movimento de crescimento inerente não só aos seres humanos mas em todos os organismos vivos.

*Ele começa relatando aquela experiência que ele tem lá no porão da fazenda dele, que a planta está em condições muito ruins e aí vai em direção à luz. Então, mesmo nas piores condições, os corpos buscam as melhores condições pra se desenvolverem (Terapeuta 1- T1).*

*E ele ia até lá, e via as batatinhas brotando em direção às luzinhas do Sol. E ele se baseia nisso pra dizer que a gente está em constante crescimento. [...] Tudo vai pro crescimento mesmo e a gente tem tudo o que a gente precisa dentro da gente, mas é muito importante que esse caminho seja feito nesse passo a passo pra que a gente possa, seguindo a trilha espiritual, ir além, transcender mesmo (Terapeuta 8 - T8).*

No final da fala de T8, é retomada a questão da busca pela espiritualidade ao longo do processo de autorrealização e conseqüentemente, do processo psicoterapêutico. T2 também destacou que essa busca por um sentido, por algo que faça conexão com o todo, faz parte do desenvolvimento e do crescimento natural do ser humano. É possível perceber esse movimento através da experiência de vida do próprio autor, Carl Rogers, como relatou T4:

*Eu acredito que o ser humano, conforme vai passando o tempo, como aconteceu com Carl Rogers, quando ele perdeu a esposa dele, ele começou a buscar uma forma de espiritualidade. [...] Então, conforme a gente vai passando o tempo, a gente vai atualizando, a gente vai entrando nesse contato com a gente, a gente não vai se conformando que nossa vida é isso aqui, né? E você vai querendo provar que existe algo além. [...] E o próprio Carl Rogers, ele nos prova isso, né? Por mais que ele tenha se distanciado um tempo, mas chegou a hora que ele teve a necessidade. Então, eu acredito que tenha muito a ver, essa tendência atualizante do ser humano, quando ele se permite de verdade ter esse contato com ele mesmo, entrar na sua história, na sua vida, e se abre pra algo maior, ele vai buscar a espiritualidade (Terapeuta 4 - T4).*

Dessa maneira, pode-se dizer que um dos objetivos de um processo psicoterapêutico é justamente considerar as necessidades de transcendência das pessoas atendidas bem como considera as demais necessidades básicas. Segundo Capra (1982), no nível transpessoal, é essencial que a/o terapeuta facilite a integração das formas ordinárias de consciência com as experiências transpessoais no processo de crescimento interior que a psicoterapia propõe. Sendo assim, é possível afirmar que a autotranscendência não só é a continuação da autorrealização, mas a etapa final do desenvolvimento (BOAINAIN JUNIOR, 1998). Partindo desse entendimento, T3, que utiliza a Psicologia Transpessoal para embasar sua prática clínica, aproximou os dois conceitos em sua fala:

*Eu vou dizer pra você que é só uma questão de nomenclatura. A tendência é a mesma. [...] É a tendência ou a necessidade de busca do intangível, de busca do ser. Então, se nós pensarmos a espiritualidade e a transpessoalidade, percebe que é só uma questão de nomenclatura? Nós estamos falando da mesma emergência natural do ser humano. [...] Vamos lembrar uma coisa super importante, nós somos animais racionais em vias de nos tornarmos conscientes. Essa é uma perspectiva muito*

*interessante. “Em vias”, é essa tendência autoatualizante, percebe? [...] Por isso, o sistema natural de autoatualização é isso, é esse algo natural desse animal racional consciente (Terapeuta 3 - T3).*

Em sua fala T3 relaciona e até mesmo une a visão da Abordagem Centrada na Pessoa com a Psicologia Transpessoal, ressaltando essa tendência atualizante como uma emergência humana. Sendo assim, o que diferencia a perspectiva transpessoal de outras modalidades de conhecimento da Psicologia é sua visão espiritual da subjetividade. Dessa maneira, espiritualidade está diretamente relacionada com a produção ou a emergência de valores existenciais, aos quais Maslow (1962) denominava valores S ou valores do Ser. Esses valores foram encontrados em pessoas autorrealizadas, ou seja, que atingiram o grau máximo de desenvolvimento, ou seja, a autotranscendência (SALDANHA, 2008). Ainda sobre essa aproximação de perspectivas e o processo de (auto)desenvolvimento, T7 mencionou:

*A Humanista é uma base também da Transpessoal, então eu acho que ela enxerga mais ou menos da mesma maneira. [...] Trabalhar o eu com o todo. O paciente e a relação dele com ele mesmo na sua realidade, mas também com o todo. O pertencimento dele no todo, a colaboração dele no todo. A consciência de que seu desenvolvimento individual colabora com o desenvolvimento coletivo, de mundo. [...] conforme eles vão trabalhando essas primeiras necessidades eles começam a ter uma visão mais ampliada da consciência, trabalhando essas novas perspectivas que a Transpessoal propõe. Conforme eles atingem esses patamares que as outras abordagens também trabalham, eu acho que falta sim, colocar esse degrauzinho a mais que seria a espiritualidade e que nem todas as abordagens contemplam, né? E eu acho que quando eles dão esse passo a mais é um complemento, totaliza o atendimento, aí sim eu acho que a gente consegue trabalhar todas as esferas do ser. Então, eu vejo como uma forma de autodesenvolvimento, não só individual, mas coletivo (Terapeuta 7 - T7).*

A ideia de integração entre o indivíduo e suas dimensões e posteriormente, com o “todo”, como citou T3, se faz presente na perspectiva transpessoal, uma vez que nela “o homem é visto como um sistema ou totalidade cuja estrutura específica emerge da interação dos níveis da consciência – físico, emocional, mental, existencial e espiritual – interligados e interdependentes” (TABONE, 1995, p. 166). Assim, vale ressaltar que o modelo transpessoal de desenvolvimento humano, complementando a visão humanista, considera a “passagem de uma identidade pessoal para uma transpessoal, ou do centrar-se no eu para o centrar-se no cosmos” (BOAINAIN JUNIOR, 1998, p. 67). Indo de encontro à essa ideia, T8 falou sobre como é necessário um acompanhamento profissional nessa “trilha” do autoconhecimento para que o caminho se torne mais seguro e eficaz.

*É preciso ter uma certa atenção com essa trilha, porque às vezes a pessoa vai buscar o caminho da transcendência sem antes passar por esse processo de*

*autoconhecimento, de autodesenvolvimento. Então, pra caminhar dentro dessa trilha, é preciso que você esteja acompanhado. [...] esse caminho, e como isso tá bem banalizado, tudo mundo oferece vivências xamânicas, vivências transpessoais de todos os tipos. A gente corre o risco de, ao invés de ser algo que traz um passo a mais na evolução da pessoa, que coloque ela numa enfermidade, fazer com que ela desencadeie uma psicopatologia. Então, o crescimento, o autodesenvolvimento seguido desse ir além. Primeiro estrutura o pessoal, o ego e depois eu vou pro transpessoal (Terapeuta 8 - T8).*

A partir da fala de T8, faz-se necessário destacar a crescente banalização relacionada às vivências transpessoais. Nesse contexto, Grof e Grof (1990), utilizam o conceito de Emergência Espiritual para se referir à evolução de uma pessoa para um modo de ser mais desenvolvido, ou seja, a autotranscendência comentada anteriormente. Sendo assim, se a experiência de emergência espiritual de uma pessoa for muito rápida e dramática, esse processo natural pode se tornar um sofrimento psíquico. Com isso, o papel da/o terapeuta seria permitir um espaço de acolhimento e questionamento, além de abertura para as novas experiências rumo ao crescimento. Para Weil (1995):

*O terapeuta é um canal facilitador, para que, por meio de técnicas terapêuticas, o próprio paciente faça seu processo de autocura, encontrando seu caminho pessoal. Desta forma, não há uma relação de poder do terapeuta sobre o paciente, impossibilitando que se consolide um vínculo de dependência. Esta linha considera o indivíduo como um ser único, assim não o rotula, nem o compara, além de buscar romper com a dualidade (WEIL, 1995, p. 16).*

Sendo assim, tanto para a Abordagem Centrada na Pessoa quanto para a Psicologia Transpessoal, o papel que a/o terapeuta ocupa nesse processo de facilitar o (auto)desenvolvimento apresenta uma posição que exige extrema responsabilidade ética, para além de conhecimentos teórico-científicos. “A psicoterapia é um processo intensivo de contato consigo próprio, com vistas ao desenvolvimento pessoal. [...] Como psicólogo, não se faz terapia em alguém. Quem faz isso é a própria pessoa, e ela o faz, às vezes, com nossa ajuda” (AMATUZZI, 2012, p. 62-63). Sobre isso, T1 mencionou que ao longo de suas intervenções, prioriza sempre aquilo que leva a pessoa a se potencializar. Além disso, T9 ressaltou em sua fala outros pontos que complementam a discussão:

*[...] o papel do terapeuta é provocar essas pequenas experiências, esses pequenos desequilíbrios em um ambiente seguro para que a pessoa possa estar talvez, se desequilibrando um pouquinho pra se reequilibrar nesse processo de autorregulação. A gente caminha dando passos e cada passo é um desequilíbrio. Cada passo é como um desequilíbrio que o ser humano está tendo, sabe? Quando você dá um passo você tira um pé do chão e desequilibra até colocar o outro na frente. Então, o terapeuta pode ser um micro provocador de desequilíbrios, num ambiente favorável pra isso (Terapeuta 9 - T9).*

É importante ressaltar que como o (auto)desenvolvimento se apresenta como um caminho, é comum que nem todas as pessoas atendidas apresentem demandas referentes à autorrealização ou à autotranscendência ao longo do processo psicoterapêutico. T5 salientou em sua fala, a partir de sua experiência na clínica psicológica, que nem todas as relações terapêuticas caminham para essa possibilidade. Contudo, nota-se a importância de uma abertura da Psicologia para o estudo acadêmico da espiritualidade no processo psicoterapêutico, visto que assim como o ser humano, o conhecimento também se desenvolve de maneira processual. “A ciência só existe em pessoas, e poderíamos acrescentar, na subjetividade de pessoas concretas” (AMATUZZI, 2012, p. 14). De acordo com T3:

*Por isso você está vendo a diferença da Psicologia da minha época e a Psicologia da sua época. Nós estamos mais preparados para receber a consciência, que hoje podemos chamar de espiritualidade, transpessoalidade (Terapeuta 3 - T3).*

Para Grof (1994) o termo transpessoal, ou “transpessoalidade” como colocado por T3, pode ser utilizado para designar uma experiência espiritual. Assim, a espiritualidade está diretamente relacionada com a capacidade de ir além dos modos usuais de perceber e interpretar a si mesmo e ao mundo. O caminho para esse desenvolvimento consiste em vivenciar as questões de sentido e, conseqüentemente, estar aberto a novas experiências que possam ocorrer a partir daí. Como disse T9:

*O ser humano pode dar saltos quânticos quando ele atinge estados modificados de consciência (Terapeuta 9 - T9).*

#### **4.4 Estados alterados de consciência e experiências transpessoais**

Como explicitado anteriormente, na década de 1980, a Abordagem Centrada na Pessoa caminhava para a compreensão de capacidades humanas que iam além do “tornar-se pessoa”, ou seja, capacidades transpessoais. Rogers (1983) descreveu novas experiências vivenciadas quando facilitava grandes grupos, potencializadas pela relação estabelecida entre ele e os participantes. Para Boainain Junior (1998), a partir desses relatos, o que o autor citado anteriormente estava vivenciando pode ser considerado como uma experiência transpessoal. Sendo assim, fica claro que a partir do momento em que a Abordagem Centrada na Pessoa reconhece a dimensão transpessoal e espiritual do ser humano, a mesma pode se assumir como uma Psicologia Transpessoal. Nesse contexto, as seguintes perguntas

foram realizadas aos entrevistados: “Durante algum atendimento já ocorreu uma vivência de estado alterado de consciência tanto por parte da pessoa atendida quanto contigo? Se sim, de que maneira esse evento afetou o processo psicoterapêutico?”.

Cabe lembrar que, dos nove terapeutas entrevistados, cinco utilizam a Psicologia Transpessoal para fundamentar a prática clínica (T3, T5, T7, T8 e T9) e quatro utilizam a Abordagem Centrada na Pessoa (T1, T2, T4 e T6). Diante disso, são expostas, primeiramente, as respostas desses dois grupos de entrevistados referentes a estados alterados de consciência vivenciados pelas pessoas atendidas e posteriormente os relatos das experiências vivenciadas enquanto terapeutas.

Nesse contexto, apenas dois dos quatro terapeutas da Abordagem Centrada na Pessoa comentaram sobre relatos das pessoas atendidas, acerca de episódios externos ao processo psicoterapêutico, em que elas vivenciaram algum estado alterado de consciência. T1 relacionou essas experiências às elaborações oníricas relatadas na clínica:

*Eu vejo que nessas experiências oníricas também tem esse tipo de viagem ou de alteração, porque é próprio do sonho né, na mesma hora que eu tava aqui, eu tava ali [...] Então, as pessoas vão fazendo esse jogo da possibilidade do não-tempo no sonho, da atemporalidade. E nesse relato a gente pode perceber uma dimensão que a gente pode considerar como alteração da consciência (Terapeuta 1 - T1).*

Em contrapartida, todos os cinco terapeutas que utilizam a Psicologia Transpessoal em sua prática clínica mencionaram a ocorrência de experiências transpessoais, sendo elas induzidas ou espontâneas, ao longo do processo psicoterapêutico, vivenciadas pelas pessoas atendidas. É importante ressaltar que em terapias transpessoais, é comum a utilização de técnicas de alteração da consciência, visto que essas aceitam as possibilidades transpessoais da consciência humana e consideram que “a alteração da consciência é o meio privilegiado para explorar os potenciais curativos e transformadores das faixas superiores e habitualmente supraconscientes do psiquismo” (BOAINAIN JUNIOR, 1998, p. 181). T9, por exemplo, abordou também sobre o trabalho com os sonhos ao longo da psicoterapia. Já T8, relatou que trabalha com a indução de transe e estados alterados de consciência há anos através da hipnose e de meditações. Ainda sobre meditação, T7 mencionou que também consegue observar alterações de consciência quando as pessoas que atende realizam esse tipo de prática envolvendo a respiração, bem como em atividades de arteterapia. Sobre isso, comentou:

*Eu considero um estado alterado de consciência o paciente sair de um estado como ele chegou e através da atividade ele conseguir sair daquele estado de consciência. Então, ele sai do consultório com outro estado (Terapeuta 7 - T7).*

Segundo Simão (2015), as experiências que ocorrem durante tais estados podem influenciar no processo psicoterapêutico enquanto promovem novas percepções e estados emocionais. Existem nove critérios que caracterizam as experiências anômalas e espirituais como positivas e integradoras, segundo Moreira-Almeida e Cardena (2009), são elas:

1. Ausência de sofrimento;
  2. Ausência de prejuízos sociais e ocupacionais;
  3. A experiência é curta e ocorre episodicamente;
  4. Existe uma atitude crítica sobre a realidade objetiva da experiência;
  5. A experiência é compatível com uma tradição cultural;
  6. Ausência de comorbidades (outras perturbações);
  7. A experiência é controlada;
  8. A experiência gera crescimento pessoal;
  9. A experiência é centrada nos outros.
- (MENEZES JUNIOR; MOREIRA-ALMEIDA, 2009, p.80-81)

Sendo assim, são experiências que necessariamente trazem uma sensação de bem-estar, de sentido, conexão e de plenitude. Consequentemente envolve uma mudança de percepção do indivíduo sobre si mesmo, o mundo e sua relação com ele. Dessa maneira, pode-se dizer que ir em busca do que está no mais profundo do ser humano através de técnicas como essas, é uma das maneiras possíveis de cultivar a espiritualidade. É importante ressaltar, mais uma vez, que para colocar em prática essa atitude, não é necessária uma crença religiosa. A espiritualidade é independente do cultivo da religiosidade. Sendo assim, “no momento em que voltamos para o nosso interior, e às vezes por meio de técnicas de meditação, mergulhamos no nosso mais profundo, e ao experimentarmos a realidade como um todo estamos vivenciando a nossa espiritualidade” (GIOVANETTI, 2005 apud BOFF, 2001, p. 66).

Outra questão importante foi observada nas respostas de T3 e T5, respectivamente, quando se referiam a momentos em que as pessoas atendidas vivenciaram estados alterados de consciência, provocados pelo ambiente acolhedor e permeado pelas atitudes facilitadoras de Rogers (1997):

*Ela chega e ela encontra um acolhimento para a sua inteireza. Então, isso favorece que ela não necessariamente tenha que se prender a um estímulo de ser cliente ou paciente, ou na nossa linguagem, pessoa, né? [...]o total acolhimento favorece que a pessoa também passe a ter insights instantâneos dentro do espaço (Terapeuta 3 - T3).*

*Eu vou interagindo na abertura rogeriana, empatia...E ir apenas questionando e a pessoa vai entrando né, nesses estados que a gente diria que não é um estado que conscientemente ela recordaria né, acessando memórias ou tendo percepções. [...] e até o processo psicoterapêutico dá um salto e toma um novo sentido a partir de experiências dessa natureza (Terapeuta 5 - T5).*

A partir dessas duas falas, que citam a ocorrência de estados alterados de consciência provocadas por atitudes facilitadoras dos terapeutas, serão expostas agora, as experiências que os entrevistados vivenciaram enquanto facilitadores do processo psicoterapêutico. Para tal, faz-se necessário ressaltar que somente T2, dentre os terapeutas que trabalham com a Abordagem Centrada na Pessoa, relatou ter experienciado situações nesse sentido, dando ênfase à intensidade e à qualidade da relação estabelecida naquele encontro:

*O estado que às vezes a gente entra no atendimento, como terapeuta, de estar tão envolvido com aquela escuta, na questão da compreensão empática mesmo, tão envolvido, tão mergulhado naquela escuta, que muitas vezes, é parecido com um fenômeno como esse, de estado alterado de consciência. [...] eu entendo que talvez tenha a ver com essa capacidade empática que em alguns atendimentos ou com alguns clientes parece que a gente entra tanto nessa escuta, que é como se assim, você não pensa em mais nada né, é como se você realmente só está ali naquele momento e isso pode dar essa sensação (Terapeuta 2 - T2).*

Essa fala se aproxima das experiências que Rogers (1983) descreve em suas práticas psicoterápicas na época em que estudava os grandes grupos, e que Wood (1991) confirma posteriormente. Pode-se afirmar que não se trata de um transe profundo, mas sim, de uma qualidade especial de consciência ampliada.

*Sinto que nos melhores momentos da terapia há um mútuo estado alterado de consciência. Que ambos, realmente de alguma forma, transcendem um pouquinho o que são originariamente, e há uma comunicação acontecendo, que nenhum de nós compreende mas que é muito reflexiva (WOOD, 1991, p. 71).*

Diante do exposto, é interessante ressaltar que mesmo essa percepção tenha aparecido na fala de somente um dos quatro terapeutas da Abordagem Centrada na Pessoa, isso mostra que essa terapia, utilizando o jeito de ser rogeriano, pode ser capaz de favorecer a emergência de vivências transpessoais e espirituais (BOAINAIN JUNIOR, 1998). Já no que diz respeito às respostas dos terapeutas que trabalham com a Psicologia Transpessoal, fica evidente que estados alterados de consciência fazem parte da atuação clínica e que são provocados através de algumas técnicas ou então da própria atitude empática. Sobre isso, T3 e T7 comentam, respectivamente:

*Esse estado ampliado, vou colocar ampliado, de consciência, é um estado com o qual eu me comprometo. Então, hoje, ele não é mais um acontecimento, tá? Ele é um estado com o qual eu me comprometo, o qual eu me conecto antes de começar qualquer atendimento. [...] Eu me preparo para estar nos atendimentos, eu trago a minha respiração para o abdômen para eu começar os atendimentos, eu me coloco nesse estado de plena atenção. [...] A ampliação do estado de consciência acontece naturalmente e isto favorece que o mesmo aconteça com a pessoa que eu estiver acompanhando (Terapeuta 3 - T3).*

*O olhar empático, né? Às vezes eu vejo que a gente tem a empatia muito racional, a gente aprende a ter a racionalização da empatia, eu acho. E aí, ali durante o atendimento, durante uma meditação, uma prática, uma arteterapia, musicoterapia, eu consegui ter algumas percepções ampliadas do próprio cliente, da própria sensação do que o cliente trouxe no atendimento (Terapeuta 7 - T7).*

Complementando um pouco o que T7 mencionou sobre “percepções ampliadas” em relação às pessoas atendidas, T9 comentou que também observa esse tipo de fenômeno quando vivencia algum tipo de estado alterado de consciência e denomina essa experiência transpessoal de “sincronicidade”:

*A gente pode chamar de coincidência mas a gente pode chamar de sincronicidade também. São sincronicidades que acontecem que são sinais pro terapeuta que o caminho tá certo. Então, já aconteceram inúmeras sincronicidades comigo, de estar alterando o que eu tinha previsto pra fazer no dia (Terapeuta 9 - T9).*

Segundo Weil (2003), esse termo foi utilizado primeiramente pelo autor Carl Gustav Jung, que estudou a fundo esse fenômeno. Ele pode ser definido como “uma correspondência, significativa para quem lhe está sujeito, entre uma sequência de eventos sem relação causal conhecida entre eles” (WEIL, 2003, p. 27). A pessoa que vivencia essa experiência transpessoal geralmente apresenta uma disponibilidade, uma atitude de abertura, ou seja, uma ampliação do estado de consciência.

#### **4.5 Intuição e momentos intuitivos no processo psicoterapêutico**

Considerando o fenômeno da sincronicidade, citado anteriormente, como uma experiência transpessoal, faz-se necessário, primeiramente, definir esse conceito. Segundo Grof (1988 apud BOAINAIN JUNIOR, 1998, p. 190), experiências transpessoais podem ser caracterizadas “vivências conscienciais em que é experienciada uma superação ampliadora das fronteiras usuais da identidade pessoal e/ou do tempo do espaço e/ou da própria realidade conhecida”. Diante disso, é possível relacionar a esses dois conceitos, a faculdade da intuição, visto que a ela é atribuída à qualidade de um sentido transcendente de conexão com o todo. Tendo em vista a importância desse fenômeno no contexto de um processo psicoterapêutico, foram realizadas as seguintes perguntas aos entrevistados: “Para você, qual é o papel da intuição no processo psicoterapêutico? Já percebeu momentos intuitivos durante os atendimentos?”.

A partir das respostas obtidas, notou-se que oito dos nove terapeutas entrevistados consideram que a intuição ocupa um lugar importante, senão fundamental no processo

psicoterapêutico. Sobre isso, T7 relatou que procura sempre manter uma atitude de abertura para atingir um estado alterado de consciência que a possibilite entrar em contato com sua intuição durante os atendimentos. Disse ainda que já ocorreram muitos momentos intuitivos nos quais tinha planejado intervir de uma maneira, mas no momento do encontro com a pessoa atendida, a partir da relação terapêutica estabelecida, ouviu sua intuição e a partir disso, conduziu o processo psicoterapêutico de outro modo. Sobre isso, T9 também mencionou a importância do terapeuta estar sempre atento à sua intuição e aos fenômenos de sincronicidade que possam acontecer, uma vez que podem ser de grande valia para a condução da psicoterapia.

Outro ponto interessante observado nas respostas dos entrevistados, é a ênfase dada na necessidade da integração das funções psíquicas por parte dos terapeutas, para que assim, os mesmos consigam compreender a pessoa atendida como um ser integral, considerando todas as suas dimensões e características inerentes. Nesse sentido, três terapeutas comentaram acerca das quatro funções psíquicas estabelecidas por Jung (1960) ao criar sua teoria dos Tipos Psicológicos, sendo elas: sensação, pensamento, sentimento e intuição. T3 e T8 relataram, respectivamente:

*De novo eu vou pra esse olhar do humano integral, ok? Se eu for aí, e entender que o humano integral é razão, sensação, sentimento e intuição, eu já te respondo a importância da intuição dentro do processo psicoterapêutico. [...] Então, um terapeuta holocentrado, ao mesmo tempo conectado com sua função razão, de onde emana seus conhecimentos, ele está conectado com suas sensações, que lhe permite até acessar a qualidade de sua respiração e da pessoa que está diante dele. Permite uma sinergia com a sensação, com o corpo de quem está diante dele. O terapeuta está conectado com seus sentimentos, que permite a ele empatia, sensibilidade, ternura, proximidade com a pessoa que está diante dele. E ele está também conectado com sua intuição, que lhe permite escutar o que não foi dito pelas palavras, que lhe permite acessar o campo informacional da pessoa que está diante dele, que lhe permite acessar a sincronicidade (Terapeuta 3 - T3).*

*A intuição se faz presente o tempo inteiro. [...] E pra eu estar nesse estado de prontidão eu preciso estar fazendo a integração dessas funções psíquicas e preciso estar ligada na minha intuição [...] A minha vida espiritual era separada da minha vida profissional, com o tempo eu fui conseguindo fazer esse link até que eu...Casou! E quanto mais eu fiz isso, mais eu ficava voltada pra minha intuição. Eu não vejo isso de forma separada, não tem jeito. Eu penso, eu sinto, eu percebo, eu intuo durante todo o processo com o meu cliente (Terapeuta 8 - T8).*

Diante dessas duas falas, é possível dizer que a compreensão dos terapeutas também vai de encontro com a definição de intuição apresentada pela Psicologia Transpessoal, mais especificamente pela autora Vaughan (1979), a qual leva em consideração a dimensão espiritual:

A ampla extensão da experiência humana intuitiva se funde em quatro níveis distintos de conscientização: físico, emocional, mental e espiritual. Embora qualquer experiência vivida possa conter elementos de mais de um nível, as experiências são usualmente fáceis de serem categorizadas, de acordo com o nível no qual elas são percebidas conscientemente. Por exemplo: experiências místicas são vivências intuitivas no nível espiritual e, sendo assim, elas não dependem de fatores sensoriais, emocionais ou mentais para serem válidas. Intuição no nível físico é associada com sensações corporais; no nível emocional, com sentimentos, e, no nível mental, com imagens e ideias. (VAUGHAN, 1979, p. 66)

É interessante observar também, que em suas respostas, T2 e T1, apesar de serem terapeutas que utilizam a Abordagem Centrada na Pessoa na prática clínica, relataram aspectos muito semelhantes à compreensão transpessoal desse fenômeno. Sobre isso, comentaram, respectivamente:

*Pra mim, a intuição tem um papel fundamental mesmo, eu penso que em muitos momentos durante o atendimento, quando eu estou nesse estado que eu falei antes, de uma conexão, de uma... que eu sinto que a empatia tá acontecendo ali, muitas vezes vem algumas imagens, vem algumas metáforas ou eu me lembro de algumas histórias. Parece que vem alguma questão nesse sentido, de algo intuitivo mesmo, de algo que assim, às vezes a pessoa não falou explicitamente sobre determinado assunto ou determinada questão mas me vem uma questão intuitiva mesmo, né? (Terapeuta 2 - T2).*

*Dentro da clínica eu funciono muito intuitivamente, o que eu falo não foi pensado anteriormente, eu deixo a coisa fluir [...] E eu acho que isso se dá muito nesse encontro com o outro. Algumas coisas que eu falo, são faladas porque o encontro dispara isso (Terapeuta 1 - T1).*

Essas duas falas enfatizam a importância da qualidade da relação terapêutica estabelecida entre o terapeuta e a pessoa atendida, visto que “o ser humano é um ser de relação, e é nesse contexto que ele se desenvolve. A terapia recria esse contexto” (AMATUZZI, 2012, p. 69). Diante dessa conexão, as pessoas atendidas podem ter momentos intuitivos facilitados, trazendo benefícios para o andamento do processo psicoterapêutico. De acordo com AmatuZZi (2012, p. 69), “não são determinados atos específicos do psicólogo que são terapêuticos, mas a qualidade humana da relação estabelecida por ele” (AMATUZZI, 2012, p. 69). Ainda relacionado a esse assunto, T5, relatou:

*Eu percebo que quando tem esse tipo de qualidade de encontro, eu considero como uma qualidade de encontro, né? Esse encontro se potencializa e ele acaba promovendo, você não sabe exatamente o que é aquilo de fato, e de repente, naquele ponto você tem um insight, você tem uma percepção. [...] Aí é um sinal né, o encontro tá acontecendo. [...] Então, a pessoa que se abre né, dentro do processo ali pra um tipo de experiência psicoterapêutica dessas, eu percebo que ela pode ficar mais confiante, mais aberta (Terapeuta 5 - T5).*

A compreensão desses fenômenos por parte dos entrevistados também vai de encontro com a hipótese criada por Boainain Junior (1998) acerca dos fenômenos transpessoais que podem acontecer durante o processo psicoterapêutico:

Se um cliente, no contexto de clima facilitador de uma entrevista terapêutica, chegava a manifestar insights extraordinários de compreensão e reorganização de suas experiências e atitudes, era tão-somente porque havia chegado, graças ao apoio acolhedor, compreensivo e incondicional do terapeuta, a se libertar dos entraves defensivos que lhe impediam o exercício pleno de seu próprio potencial autorrealizador. Se os fenômenos de empatia extraordinariamente acurada, desvelando para o terapeuta aspectos nada expostos no discurso do cliente, chegavam a causar desconfiança, por parte desde, de que aquele possuía poderes telepáticos, não era necessário recorrer-se a explicações extravagantes para explicar o fenômeno, pois a simples presença face a face que caracterizava a relação dava ampla margem para toda espécie de comunicação não-verbal, paraverbal e subliminar (mas não extra-sensorial) entre os dois organismos em interação (BOAINAIN JUNIOR, 1998, p. 154)

A partir desse entendimento, pode-se afirmar que Rogers (1983) descreve uma nova característica possível a partir de relações interpessoais, ou seja, uma quarta atitude facilitadora necessária e suficiente para o desenvolvimento saudável da personalidade, que quando atingida, proporciona uma melhor atuação nos processos psicoterapêuticos. Essa atitude ocorre quando a/o terapeuta está em conexão com seu eu interior, com a consciência cósmica e vivencia um estado alterado de consciência. Sendo assim, as intervenções realizadas no contexto psicoterapêutico se potencializam.

[...] quando sou capaz de relaxar e ficar mais próximo ao meu âmagô transcendental comporto-me de um modo estranho e impulsivo na relação, que não posso justificar racionalmente e que não tem nada a ver com meus processos de pensamento. Mas esses estranhos comportamentos acabam sendo corretos por caminhos bizarros: parece que meu espírito alcançou e tocou o espírito do outro. Nossa relação transcende a si mesma e se torna parte de algo maior. Então, ocorrem uma capacidade de cura, uma energia e um crescimento profundos. (ROGERS, 1983, p. 47).

Diante do que foi exposto anteriormente, fica claro que o que Rogers (1983) descreveu se trata de uma experiência transpessoal, visto que sua percepção é ampliada através de um estado alterado de consciência. “Rogers estaria então assumindo, em suas melhores atuações facilitadoras, um jeito transpessoal de ser” (BOAINAIN JUNIOR, 1998, p. 180). A partir dessa postura da/o terapeuta no contexto clínico, momentos de mudança em terapia podem ocorrer, ou seja, momentos em que há a experiência de unidade na relação psicoterapêutica.

Eu gosto de descrever o momento de mudança em terapia como um momento espiritual. Por “espiritual” quero dizer um momento no qual operamos a partir do Self interno e, conseqüentemente, nos sentimos interligados com a energia do

Universo. Em momentos como esses nós não somos uma parte fragmentada do todo. Nós “somos” o todo. Limites entre Eu-Você-Natureza-Deus desaparecem. Não existe nada de pensamento envolvido, nós somos pura consciência, pura vivência (BOWEN, 1987, p. 111)

Assim, é evidente a relação estabelecida entre a qualidade do encontro terapêutico e a propensão aos momentos de mudança em terapia. Sendo assim, em consonância com o entendimento de Maslow (1962, p. 226) de que “toda e qualquer pessoa é, em parte, ‘o seu próprio projeto’ e faz-se a si mesma”, T1 comentou:

*É difícil uma pessoa fazer terapia e não se modificar, porque não tem jeito, amanhã você já não é mais igual a hoje. A terapia é um dispositivo pra provocar você a refletir sobre essa mudança, então eu vejo assim, ninguém faz terapia simplesmente pra saber quem é, mas a gente faz muito mais pra saber quem a gente pode vir a ser, como a gente pode se modificar (Terapeuta 1 - T1).*

Portanto, em um ambiente facilitador de momentos de mudança em terapia promovido a partir das atitudes facilitadoras dos terapeutas, que são suficientes e necessárias para o (auto)desenvolvimento da pessoa atendida, faz-se necessário a valorização da intuição e dos momentos intuitivos, bem como da espiritualidade presente intrinsecamente no ser humano. Sendo assim, para Bowen (1987), a quarta atitude facilitadora mencionada anteriormente, é compreendida justamente como o papel do terapeuta proporcionar *impressões integrativas*, ou seja, “metáforas, imagens e ações que surgem espontaneamente da consciência do terapeuta, especialmente quando em estado alterado e ampliado de consciência, brotando de alguma elaboração intuitiva” (BOAINAIN JUNIOR, 1998, p. 206).

#### **4.6 Espiritualidade da/o terapeuta**

Levando em consideração o que foi exposto anteriormente acerca da quarta atitude facilitadora do terapeuta, que apresenta uma qualidade transpessoal, e a potência da conexão estabelecida entre o terapeuta e a pessoa atendida através deste encontro, fica evidente que os momentos de mudança em terapia são facilitados por fenômenos intuitivos e experiências transpessoais que ocorrem tanto durante o atendimento quanto posteriormente a ele. A partir disso, foi realizada a seguinte pergunta aos terapeutas: “Já fez uso de algum recurso espiritual (oração, meditação) na tentativa de ajudar as pessoas que atende e/ou de melhorar sua atuação?”.

Ao responderem essa última pergunta, cinco dos nove terapeutas entrevistados relataram que já recorreram a algum recurso espiritual, de forma individual e particular,

envolvendo sua atuação na prática clínica. Segundo Boainain Junior (1998), essas práticas realizadas fora do setting terapêutico podem ser um complemento da atuação psicoterapêutica. Sobre isso, percebe-se que T2, T7, T8 e T9, respectivamente, deram ênfase na oração e na meditação:

*Eu tenho o hábito de fazer orações, então já aconteceu sim em algumas situações mais críticas assim de eu fazer orações pra pessoa que eu atendo. [...] as práticas de meditação mesmo, eu pratico. [...] a prática meditativa, da concentração mental, ela me ajuda muitas vezes a estar presente na clínica também, nos atendimentos. Às vezes em um atendimento mais difícil, às vezes eu lembro das minhas técnicas de respiração do yoga e eu faço ali no momento mesmo (Terapeuta 2 - T2).*

*Se eu sentir ali no momento que eu poderia colaborar em algo além só do atendimento psicoterápico, mas também com alguma técnica, seja um pensamento, uma intenção, uma meditação, uma oração, sempre eu faço no meu momento de intimidade sim (Terapeuta 7 - T7).*

*Oração eu gosto muito, a meditação eu medito duas vezes ao dia e ensino os meus clientes a meditarem. Eu acendo sempre minha velinha. E na parte da manhã eu esprirto esse cheirinho que eu tenho e recito: 'que a chama da paz ilumine, aqueça e habite no meu coração, no coração de cada pessoa que eu vou atender e de toda a humanidade' (Terapeuta 8 - T8).*

*[um professor] Ele chegava a falar uma coisa assim [...] 'quando você tiver numa situação difícil atendendo uma pessoa, pede pro seu anjo da guarda conversar com o anjo da guarda dela'. [...] eu faço mais ou menos isso, sabe? Quando eu tô numa situação difícil, aí eu faço através de encomendação de sonhos ou através da minha meditação quando um assunto tá assim, quando eu tô sentindo que eu não tô conseguindo alcançar e a pessoa também não (Terapeuta 9 - T9).*

O Censo IBGE (2010) mostra que mais de 90% da população brasileira se declara religiosa. Nesse contexto, a oração é algo presente na vida das pessoas que creem em Deus ou em uma dimensão supra-humana e que vivenciam sua espiritualidade através de uma instituição religiosa. Através desse dado e das falas acima, é possível relacionar a oração como uma prática espiritual comum e rotineira na vida desses terapeutas. Outra prática espiritual predominante nas respostas anteriores é a meditação, que nesse contexto, é utilizada como forma de enfrentamento às situações consideradas difíceis pelos terapeutas ao longo dos atendimentos psicoterápicos. Nesse sentido, “práticas religiosas/espirituais subjetivas, como preces, contemplações e meditações, podem alterar o estado de consciência, influenciando a mudança da percepção de um evento que desencadeia sofrimento” (SIMÃO, 2015, p. 92).

Apesar dessas falas positivas em relação às práticas pessoais, em alguns momentos ao longo das respostas dos entrevistados ficava evidente o receio relacionado à ética profissional, quando se trata de práticas e/ou influências religiosas e espirituais no processo

psicoterapêutico. Cabe lembrar que essa mesma atitude esteve presente ao responderem a primeira pergunta da entrevista, sobre o contato com o conceito de espiritualidade ao longo da formação acadêmica. Essa questão aparece na fala de T4, T5 e T2, respectivamente:

*No consultório a gente tem uma ética profissional, eu não posso. [...] eu usar por exemplo, o uso da oração no consultório não, eu não uso, de forma nenhuma (Terapeuta 4 - T4).*

*Não...Assim, religioso, espiritual não. Assim, nesse aspecto, eu me permito viajar bastante e por todas as pesquisas. Mas dentro de um setting terapêutico eu sigo mais uma linha pra que eu não me perca, sabe? (Terapeuta 5 - T5).*

*Eu tomo muito cuidado com isso, ao levar esse tipo de prática pra sessão especificamente né, por conta disso que eu falei antes, eu penso que a terapia é um espaço que a gente pode dizer sobre né, religião, espiritualidade de uma forma livre né? Eu acho que é muito ruim a gente ter um tabu né, de falar sobre esse assunto dentro da terapia porque como eu falei, é uma experiência humana, a gente vai falar, as pessoas vão trazer, então eu acho que a gente pode conversar livremente. Mas assim, sempre respeitando a crença da outra pessoa, aquilo que faz sentido pra ela. Então assim, eu nunca levo coisas minhas né, pessoais das minhas práticas pra dentro da sessão (Terapeuta 2 - T2).*

Como já foi ressaltado anteriormente no corpo do trabalho, apesar da obrigatoriedade da laicidade no exercício da profissão, não se deve negar a relação que pode ser estabelecida entre a psicologia, a religião e a espiritualidade (CFP, 2013). Sendo assim, é reconhecida a importância da religiosidade bem como da espiritualidade na construção da subjetividade e, portanto, não há motivos para que esses temas sejam desconsiderados nas pesquisas acadêmicas ou na prática clínica, desde que pautados pelas atitudes recomendadas pelo Código de Ética Profissional do Psicólogo (CFP, 2005).

Apesar desse receio e, muitas vezes, até desconhecimento sobre o assunto, é interessante ressaltar que quatro terapeutas mencionaram espontaneamente que além de suas práticas espirituais individuais, utilizam, e até mesmo recomendam, técnicas transpessoais/espirituais durante os atendimentos às pessoas atendidas. A fala de T3 ilustra essa questão, mais uma vez tendo como foco a meditação:

*Meditação. Respiração consciente. Então, assim, é o dia a dia, não é algo que eu já, é algo que está aqui presente o tempo todo. [...] É muito comum eu propor, nunca é só uma técnica ou uma regra, é o que emerge no instante. Agora, a meditação é algo que eu recomendo pra todo mundo, pra vida, o tempo todo. Ela nos conecta... Porque assim, qual é a nossa grande tarefa terapêutica? É ir além do ego, além da persona, além desse personagem que eu construí ao longo da vida pra me adaptar. É encontrar esse eu em mim que existe independente da minha personalidade. [...] eu não conheço um recurso mais imediato, mais direto de acesso a esse silêncio, a esse profundo do que a meditação. Não tem erro! Se a psicoterapia é essa terapia*

*da profundidade, me parece até incoerente não pensarmos na meditação (Terapeuta 3 - T3).*

Nesse contexto, a meditação e técnicas de respiração são práticas utilizadas para exercitar a atenção plena no agora. Vale ressaltar que esse tipo de prática não está necessariamente vinculada a alguma religião e em nenhum momento, nas falas dos entrevistados, os mesmos se utilizavam dessas para induzir uma prática religiosa. Desse modo, é importante destacar que a meditação faz parte da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS desde 2017, a partir da Portaria Ministerial nº 849/2017. Sendo assim, a mesma pode ser uma “prática mental individual que consiste em treinar a focalização da atenção de modo não analítico ou discriminativo, a diminuição do pensamento repetitivo e a reorientação cognitiva, [...] além de proporcionar maior integração entre mente, corpo e mundo exterior (BRASIL, 2018, p. 77). Assim, essa é uma técnica que auxilia o contato profundo consigo mesmo através do foco no aqui-agora, favorecendo o autoconhecimento bem como o exercício da espiritualidade, ou seja, a conexão do indivíduo com o todo. Para Boainain Junior (1998):

*[...] na vivência plena da experiência do organismo em interação com o aqui-agora da situação envolvente residiam as possibilidades saudáveis máximas do desenvolvimento da identidade e da consciência humanas, que a fonte mais profunda de sabedoria e orientação interna a que a fonte poderia aspirar era a congruência com a experiência orgânica (BOAINAIN JUNIOR, 1998, p. 240)*

Diante desse movimento de alguns dos terapeutas entrevistados relatarem as técnicas transpessoais/espirituais utilizadas durante os atendimentos, como é o caso da meditação, faz-se necessário ressaltar que esse é um ponto delicado e muitas vezes controverso no âmbito da Psicologia. Como parâmetro ético para a utilização dessas práticas no processo psicoterapêutico, existe somente a Resolução nº 10, de 20 de outubro de 1997, do Conselho Federal de Psicologia que cita o assunto ao estabelecer critérios para a divulgação e o exercício profissional associados à práticas que não estejam de acordo como os critérios científicos estabelecidos no campo da psicologia. Contudo, nela não são especificadas as práticas permitidas ou não na atuação profissional, apenas é salientado:

Art. 2º As técnicas e práticas ainda não reconhecidas pela Psicologia poderão ser utilizadas no exercício profissional, enquanto recursos complementares, desde que:  
I - estejam em processo de pesquisa conforme critérios dispostos na Resolução nº 196/1996, do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde;  
II - respeitem os princípios éticos fundamentais do Código de Ética Profissional do Psicólogo;

- III - o profissional possa comprovar junto ao CRP a habilitação adequada para desenvolver aquela técnica; e
- IV - o cliente declare expressamente ter conhecimento do caráter experimental da técnica e da prática utilizadas (CFP, 1997, p. 01).

Portanto, a partir dessas imprecisões e certa relutância do Conselho Federal de Psicologia à implementação de técnicas alternativas e complementares na prática profissional de psicólogas/os, nesse tópico do trabalho cabe apenas a problematização das informações citadas anteriormente, bem como o destaque para a ocorrência das falas dos entrevistados em relação ao uso dessas práticas no contexto psicoterapêutico.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A monografia em questão compreendeu as influências da espiritualidade e das experiências transpessoais no processo psicoterapêutico, tendo como base as teorias da Abordagem Centrada na Pessoa e da Psicologia Transpessoal, a partir da visão de terapeutas. Para isso, foi preciso definir os conceitos “espiritualidade” e “experiência transpessoal” ao longo do trabalho, o que possibilitou a apresentação das principais características, bem como os conceitos centrais dessas duas linhas teóricas da Psicologia. Desse modo, foi possível observar que a visão multidimensional do ser humano proposta pela OMS (1988), que o considera como um ser biopsicossocial e espiritual é compatível tanto com o referencial teórico utilizado para a elaboração desse trabalho, quanto com o entendimento e atuação profissional dos terapeutas entrevistados na pesquisa de campo.

Sendo assim, pode-se afirmar que o ser humano é um ser espiritual e que, conseqüentemente, as experiências transpessoais vivenciadas no âmbito do processo psicoterapêutico são permeadas pela espiritualidade. Nesse contexto, a relação terapêutica estabelecida entre a pessoa atendida e o terapeuta é de extrema importância, visto que o encontro entre esses dois seres espirituais pode promover um ambiente facilitador de mudanças terapêuticas. Isso ocorre a partir da compreensão transpessoal e holográfica do fenômeno por parte do terapeuta ao longo do processo psicoterapêutico, fazendo com que o (auto)desenvolvimento da pessoa atendida seja facilitado.

Diante do exposto, compreende-se que os objetivos propostos foram atingidos e as hipóteses comprovadas. Além disso, pode-se dizer que, em linhas gerais, alguns pontos interessantes foram observados a partir da análise dos resultados da pesquisa de campo e valem o destaque. Algo que ficou marcado ao longo de todo o processo de discussão dos resultados foi o desconhecimento do conceito “espiritualidade” por parte dos terapeutas entrevistados, certas vezes até mesmo a confusão com “religiosidade” ou “religião”.

Esse fator, apresentado na primeira categoria de análise, demonstra um “eclipse da espiritualidade” (SILVA; FERREIRA, 2015, p. 96), ou seja, certa negligência ou até mesmo negação de que o tema possa ser vinculado à ciência psicológica. Desse modo, cabe ressaltar novamente a necessidade de incluir essa temática na formação de futuras/os psicólogas/os, visto que, como apresentado na segunda categoria de análise, é uma demanda recorrente na prática clínica e, existem diversas bibliografias acadêmicas e científicas que abrangem essas discussões sem ferir a conduta profissional proposta pelo Código de Ética do Psicólogo (CFP, 2015). Inclusive, no presente trabalho foram utilizados majoritariamente autores da Psicologia

para compreender e discutir o conceito, no intuito de demonstrar que há sim, possibilidades de estudos científicos e de qualidade na área, apesar do assunto ainda ser considerado um tabu por muitos profissionais.

Outro ponto que cabe ser destacado aqui são as possibilidades existentes, a partir da direção que o trabalho em questão seguiu, de serem desenvolvidas pesquisas posteriores envolvendo, por exemplo, o reconhecimento da Abordagem Centrada na Pessoa como uma abordagem transpessoal. Essa questão pode ser afirmada, pois, atualmente, existe uma lacuna de conhecimento no âmbito acadêmico acerca dessa relação estabelecida entre as duas abordagens teóricas. Isso se dá, pois, como a própria pesquisa evidenciou, a Psicologia Transpessoal é um recorte teórico ainda pouco estudado. Sendo assim, ao mesmo tempo, em que se apresenta como uma possibilidade de pesquisa futura, essa foi uma das dificuldades do presente trabalho, visto que a pesquisadora não teve contato com as teorias mencionadas acima em disciplinas da graduação.

Entretanto, foi possível perceber que ao longo da análise das entrevistas, em diversos momentos, os terapeutas que utilizam a Abordagem Centrada na Pessoa como base teórica se aproximavam de conceitos e teorias referentes à Psicologia Transpessoal e vice e versa. Essa questão pode ser observada na terceira categoria de análise na qual foi evidenciada a autorrealização humanista como caminho para a autotranscendência transpessoal (BOAINAIN JUNIOR, 1998).

Além disso, na quarta e na quinta categoria, apesar dos temas centrais (“estados alterados de consciência” e “intuição”, respectivamente) serem utilizados predominantemente no campo da Psicologia Transpessoal, notou-se que os terapeutas da Abordagem Centrada na Pessoa demonstraram conhecer os conceitos e até mesmo os relacionavam com as experiências vividas na prática clínica. É interessante destacar que a maioria dos entrevistados associou esses dois conceitos à qualidade do encontro estabelecido entre a pessoa atendida e a/o terapeuta durante um processo psicoterapêutico. Como consequência, pode-se concluir que a partir das atitudes facilitadoras da/o terapeuta, necessárias e suficientes para promover um ambiente de (auto) desenvolvimento, é estabelecida uma relação terapêutica capaz de facilitar momentos de mudança em terapia. Estes são possíveis a partir da conexão advinda desse encontro, podendo ocasionar estados alterados de consciência e momentos intuitivos.

Sendo assim, consoante à proposta desse trabalho, cabe ressaltar o papel da/o terapeuta no processo psicoterapêutico, considerando a espiritualidade. Esse tema foi apresentado na sexta e última categoria de análise, na qual ficou evidente a importância de uma abertura transpessoal para que a pessoa atendida seja compreendida em sua integridade, a

partir de todas as suas dimensões inerentes. Grof (1988) demonstra brevemente as principais características de um terapeuta transpessoal:

Um terapeuta transpessoal lida com os problemas que emergem durante o processo psicoterapêutico, incluindo acontecimentos mundanos, dados biográficos e problemas existenciais. O que realmente define a orientação transpessoal é um modelo da psique humana que reconhece a importância das dimensões espirituais ou cósmicas, e o potencial para a evolução da consciência (GROF, 1988, p. 145).

Desse modo, o que caracteriza um terapeuta transpessoal não é o seu conteúdo, mas o contexto e a abertura para tal. Pode-se dizer que o conteúdo é determinado pela relação terapêutica, entre pessoa atendida e terapeuta, como estabeleceu Carl Rogers em sua Abordagem Centrada na Pessoa. Contudo, a abertura ao transpessoal faz parte, de certa forma, de algo inerente ao ser humano, a espiritualidade. Portanto, diante do exposto “tornar-se-ia fácil *compreender* de forma empática a experiência descrita [...], *valorizar* e *aceitar positivamente* essa nova característica, como ainda entusiasmaria a possibilidade de praticá-la, incorporando-a e desenvolvendo-a *congruentemente* em seu jeito de ser facilitador” (BOAINAIN JUNIOR, 1998, p. 178).

Em um contexto psicoterapêutico, ao unir as atitudes facilitadoras com a abertura ao transpessoal, tem-se um espaço de promoção e prevenção à saúde mental, bem como o favorecimento do processo de autoconhecimento e desenvolvimento da autonomia da pessoa atendida. Tem-se um jeito transpessoal de ser na prática clínica, pois, “se o homem é retirado do centro e se as possibilidades de sua consciência passam a ser vistas da perspectiva do todo cósmico transcendente, ultrapassamos a visão humanista para adotar o ponto de vista transpessoal” (BOAINAIN JUNIOR, 1998, p. 222).

## REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Religious/Spiritual Commitments and Psychiatric Practice**. 2006. Disponível em:

<[http://www.psych.org/edu/other\\_res/lib\\_archives/archives/200604.pdf](http://www.psych.org/edu/other_res/lib_archives/archives/200604.pdf)> Acesso em: 24 set. 2021.

AMATUZZI, Mauro M. **Rogers: ética humanista e psicoterapia**. 2 ed. Campinas: Alínea, 2012.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 70 ed. São Paulo-SP: Almedina, 2011.

BARROS, Maria C. M. de B.; SALDANHA, Vera; SIMÃO, Manoel. J. P. Experiências espirituais positivas e a abordagem transpessoal: implicações terapêuticas. São Paulo: CRP SP. **Seminário Psicologia, Espiritualidade e Epistemologias Não Hegemônicas**, 27 de novembro de 2015. p. 191-196. Disponível em:

<[https://www.crsp.org/uploads/impresso/106/o6owj\\_x1fCiNMXXct4t4YpA8x1VoNxdf.pdf](https://www.crsp.org/uploads/impresso/106/o6owj_x1fCiNMXXct4t4YpA8x1VoNxdf.pdf)>. Acesso em 11 ago. 2021.

BERNI, Luiz E. V. Os diferentes usos do termo espiritualidade: na busca por uma definição instrumental para a Psicologia. In: Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. **Psicologia, Espiritualidade e Epistemologias Não-Hegemônicas**, v. 3. São Paulo: CRP - SP, 2016. p. 47-55. Disponível em:

<[https://www.crsp.org/uploads/impresso/106/o6owj\\_x1fCiNMXXct4t4YpA8x1VoNxdf.pdf](https://www.crsp.org/uploads/impresso/106/o6owj_x1fCiNMXXct4t4YpA8x1VoNxdf.pdf)>. Acesso em 11 ago. 2021.

BOAINAIN JUNIOR, Elias. **Tornar-se Transpessoal: Transcendência e Espiritualidade na obra de Carl Rogers**. São Paulo: Summus Editorial, 1998.

BOWEN, M. C. V. B. Espiritualidade e abordagem centrada na pessoa: interconexão no universo e na psicoterapia. In: SANTOS, A. M. *et al.* **Quando fala o coração: a essência da psicoterapia centrada na pessoa**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987. p. 86-122.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF:

Presidência da República, 1988. Disponível em:

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 08 jun. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Secretaria de Atenção à Saúde.

**Glossário temático: práticas integrativas e complementares em saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2018. Disponível em:

<<https://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2018/marco/12/glossario-tematico.pdf>>. Acesso em: 27 out. 2021.

CAMPOS, Ronny Francis. **Carl Rogers com Michel Foucault: caminhos cruzados**.

Curitiba: Appris, 2017. p. 51-79.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução n° 10, de 20 de outubro de 1997**.

Brasília: CFP, 1997. Disponível em: <[https://atosoficiais.com.br/cfp/resolucao-de-](https://atosoficiais.com.br/cfp/resolucao-de-fiscalizacao-e-orientacao-n-10-1997-estabelece-criterios-para-divulgacao-a-publicidade-e-o)

[fiscalizacao-e-orientacao-n-10-1997-estabelece-criterios-para-divulgacao-a-publicidade-e-o-](https://atosoficiais.com.br/cfp/resolucao-de-fiscalizacao-e-orientacao-n-10-1997-estabelece-criterios-para-divulgacao-a-publicidade-e-o)

exercício-profissional-do-psicologo-associados-a-praticas-que-nao-estejam-de-acordo-como-os-criterios-cientificos-estabelecidos-no-campo-da-psicologia?origin=instituicao>. Acesso em: 27 out. 2021.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução nº 010, de 21 de julho de 2005. **Código de Ética Profissional do Psicólogo**. Brasília: CFP, 2005. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2020.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Posicionamento do Sistema de Conselhos de Psicologia para a questão da Psicologia, religião e espiritualidade**. GT Nacional Laicidade e Psicologia, Brasília: CFP, 2013. Disponível em <<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2014/06/Texto-aprovado-na-APAF-maio-de-2013-Posicionamento-do-Sistema-Conselhos-de-Psicologia-para-a-quest%C3%A3o-da-Psicologia-Religi%C3%A3o-e-Espiritualidade-8-2.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2020.

CUNHA, Vivian F; SCORSOLINI-COMIN, Fábio. A Dimensão Religiosidade/Espiritualidade na Prática Clínica: Revisão Integrativa da Literatura Científica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 35, 2019. p. 1-12. Disponível em <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722019000100519&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722019000100519&script=sci_arttext)>. Acesso em: 30 ago. 2020.

FERREIRA, Aurino L.; SILVA, Sidney C. R. da; SILVA, Silas C. R. da. A experiência da espiritualidade como natureza da subjetividade. São Paulo: CRP SP, **Seminário Psicologia, Espiritualidade e Epistemologias Não Hegemônicas**, 2015. p. 63-68. Disponível em: <[https://www.crsp.org/uploads/impresso/106/o6owj\\_x1fCiNMXXct4t4YpA8x1VoNxdf.pdf](https://www.crsp.org/uploads/impresso/106/o6owj_x1fCiNMXXct4t4YpA8x1VoNxdf.pdf)>. Acesso em 13 set. 2021.

FERREIRA, Aurino L; SILVA, Sidney C. R. da; RIBEIRO, Ronilda I. Psicologia Transpessoal: transcendência na imanência. São Paulo: CRP SP. **Seminário Psicologia, Espiritualidade e Epistemologias Não Hegemônicas**, 27 de novembro de 2015. p. 249-256. Disponível em: <[https://www.crsp.org/uploads/impresso/106/o6owj\\_x1fCiNMXXct4t4YpA8x1VoNxdf.pdf](https://www.crsp.org/uploads/impresso/106/o6owj_x1fCiNMXXct4t4YpA8x1VoNxdf.pdf)>. Acesso em 11 ago. 2021.

FOUCAULT, M. **A Hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOWLER, James E. **Estágios da Fé**. A psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido. São Leopoldo: Sinodal, 1992.

GENARO JÚNIOR, Fernando. Psicologia clínica e espiritualidade/ religiosidade: interlocução relevante para a prática clínica contemporânea. **Psic. Rev.** São Paulo, v. 20, n.1,p. 29-41, 2011. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/psicorevista/article/view/6791>>. Acesso em: 30 ago. 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GIOVANNETTI, José Paulo. Psicologia existencial e espiritualidade. In: AMATUZZI, Mauro M. **Psicologia e Espiritualidade**. São Paulo: Paulus, 2005. cap. 7. p. 129-146.

GROF, S. **Além do cérebro**. São Paulo: McGraw-Hill, 1988.

GROF, S. **A mente holotrópica: novos conhecimentos sobre Psicologia e pesquisa da consciência**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

GROF, S.; GROF, C. **Respiração Holotrópica: uma nova abordagem de autoexploração e terapia**. Rio de Janeiro: Capivara, 2010.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência**, 2010. Disponível em:

<<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html?edicao=9749&t=destaques>>. Acesso em: 17 out. 2021.

JUNG, C. G. **Tipos Psicológicos**. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1960.

KOVÁCS, M. J. Bioética nas questões de vida e morte. **Psicologia USP**, v. 14, n. 2, p. 115-167. 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/pusp/v14n2/a08v14n2.pdf>> Acesso em: 13 set. 2021.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MASLOW, A.H. **Introdução à psicologia do ser**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1962

MENEZES JUNIOR, A.; MOREIRA-ALMEIDA, A. O diagnóstico diferencial entre experiências espirituais e transtornos mentais de conteúdo religioso. **Rev Psiq Clín.** v. 36, n. 2, p.75-82, 2009. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/rpc/a/wSfc4qWn4Cc5NkFKXY6RKdc/?lang=pt>> Acesso em: 09 out. 2021.

MINAYO, Maria Cecília de S. **Pesquisa social: teoria e método**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MIRANDA, Carmen S. N. de; FREIRE, José. A comunicação terapêutica na abordagem centrada na pessoa. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 64, n. 1 p. 78-94, 2012. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/2290/229023819007.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2020.

OLIVEIRA, M. R. D; JUNGUES, J. R. Saúde mental e espiritualidade/religiosidade: A visão de psicólogos. **Estudos de Psicologia**. v. 17, n. 3, Natal, 2012, p. 469-476. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/epsic/a/w3hnsrp3wzVcRPL3DkCzXKr/?lang=pt>>. Acesso em: 07 jun. 2021.

PIETRONI, Patrick. **Viver Holístico**, São Paulo: Sammus, 1988

PRADO, Adélia. Arte como experiência religiosa. In: **Diante do mistério: Psicologia e senso religioso**. MASSIMI, Marina, MIGUEL, Mahfoud (Orgs.) São Paulo: Edições Loyola, 1999. p. 17-32.

RIGACCI JUNIOR, Germano. A experiência religiosa e o encontro humano: um olhar filosófico. In: AMATUZZI, Mauro M. **Psicologia e Espiritualidade**. São Paulo: Paulus, 2005. cap. 3. p. 49-58.

ROGERS, Carl R. *et al.* **Em busca de vida: da terapia centrada no cliente à abordagem centrada na pessoa.** São Paulo: Summus, 1983.

ROGERS, Carl R. **Tornar-se pessoa.** 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SALDANHA, V. **Psicologia transpessoal – abordagem integrativa – um conhecimento emergente em Psicologia da consciência.** Ijuí: Unijuí, 2008.

SILVA, S. C. R.; FERREIRA, A. L. O eclipse da espiritualidade na formação do psicólogo. São Paulo: CRP SP. **Seminário Psicologia, Espiritualidade e Epistemologias Não Hegemônicas**, 27 de novembro de 2015. p. 95-102. Disponível em: <[https://www.crsp.org/uploads/impresso/106/o6owj\\_x1fCiNMXXct4t4YpA8x1VoNxdf.pdf](https://www.crsp.org/uploads/impresso/106/o6owj_x1fCiNMXXct4t4YpA8x1VoNxdf.pdf)>. Acesso em 11 ago. 2021

SILVA, S. C. R.; FERREIRA, A. L. A espiritualidade na perspectiva transpessoal: uma noção de múltiplos usos e diferentes conceitos. São Paulo: CRP SP. **Seminário Psicologia, Espiritualidade e Epistemologias Não Hegemônicas**, 27 de novembro de 2015. p. 103-114. Disponível em: <[https://www.crsp.org/uploads/impresso/106/o6owj\\_x1fCiNMXXct4t4YpA8x1VoNxdf.pdf](https://www.crsp.org/uploads/impresso/106/o6owj_x1fCiNMXXct4t4YpA8x1VoNxdf.pdf)>. Acesso em 11 ago. 2021.

SIMÃO, Manoel José P. Visão transpessoal da relação entre religião e espiritualidade. São Paulo: CRP SP. **Seminário Psicologia, Espiritualidade e Epistemologias Não Hegemônicas**, 27 de novembro de 2015. p. 89-94. Disponível em: <[https://www.crsp.org/uploads/impresso/106/o6owj\\_x1fCiNMXXct4t4YpA8x1VoNxdf.pdf](https://www.crsp.org/uploads/impresso/106/o6owj_x1fCiNMXXct4t4YpA8x1VoNxdf.pdf)>. Acesso em 10 out. 2021.

SOUZA, E. A; GOMES, E. S. A visão de homem em Frankl. **Revista Logos & Existência.** v. 1, n.1, 2012, p. 50-57.

TABONE, M. **A Psicologia transpessoal.** São Paulo: Cultrix, 1995

TART, C. Fundamentos científicos para o estudo de estados de consciência. In: WEIL, P. (org). **Mística e ciência.** Petrópolis: Vozes, 1991. p. 37-79.

TEIXEIRA, Faustino. O potencial libertador da espiritualidade e da experiência religiosa. In: AMATUZZI, Mauro M. **Psicologia e Espiritualidade.** São Paulo: Paulus, 2005. cap. 1. p. 13-30.

TILLICH, Paul. **A coragem de ser:** baseado nas Conferências Terry, pronunciadas na Yale University. Tradução de Eglê Malheiros. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. cap. 6, p. 118-143.

VALLE, João Edênio dos Reis. Religião e espiritualidade: um olhar psicológico. In: AMATUZZI, Mauro M. **Psicologia e Espiritualidade.** São Paulo: Paulus, 2005. cap. 5. p. 83-108.

WALSH, R.; VAUGHAN, F (Orgs). **Caminhos Além do Ego: Uma Visão Transpessoal.** Cultrix, São Paulo, 1993.

WEIL, Pierre. **A Morte da morte: uma abordagem Transpessoal**. 2 ed. São Paulo: Gente, 1995.

WEIL, Pierre. **Os mutantes: uma nova humanidade para um novo milênio**. Campinas: Verus, 2003.

WILBER, K. **O olho do espírito**. São Paulo: Cultrix, 2000.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **WHOQOL and spirituality, religiousness and personal beliefs (SRPB)** (General Report), 1988. Disponível em: <[https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/70897/WHO\\_MSA\\_MHP98.2\\_eng.pdf;jsessionid=4F39F64C487642D5025930AA03FECA6B?sequence=1](https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/70897/WHO_MSA_MHP98.2_eng.pdf;jsessionid=4F39F64C487642D5025930AA03FECA6B?sequence=1)> . Acesso em: 30 fev. 2021.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A – Roteiro das entrevistas

### Informações Gerais

Nome

Idade

Local de formação

Tempo de formação e atuação

Abordagem teórica que utiliza na prática clínica (associa a alguma outra?)

### Perguntas

1. Ao longo de sua formação acadêmica lhe foi apresentada fundamentação teórica relacionada à espiritualidade? Se não, foi necessário estudar posteriormente sobre esse tema para atender as demandas clínicas?
2. Na sua visão, qual é a relevância da busca pela espiritualidade/experiências transpessoais para o processo psicoterapêutico?
3. De que maneira a tendência auto atualizante se relaciona com a busca da espiritualidade, da autotranscendência?
4. Durante algum atendimento já ocorreu uma vivência de estado alterado de consciência tanto por parte da pessoa atendida quanto contigo? Se sim, de que maneira esse evento afetou o processo psicoterapêutico?
5. Qual é o papel da intuição no processo psicoterapêutico? Já percebeu a presença de momentos intuitivos durante os atendimentos?
6. Já fez uso de algum recurso espiritual (oração, meditação) na tentativa de ajudar as pessoas que atende e/ou de melhorar sua atuação?

## APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS  
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação  
Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

CAAE: 38584620.8.0000.5137

Título do Projeto: ESPIRITUALIDADE E ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA:  
análise do processo psicoterapêutico como uma jornada interior.

Prezado(a) Sr(a),

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa que estudará as relações estabelecidas entre a espiritualidade e as experiências transpessoais no âmbito do processo psicoterapêutico. A pesquisa será conduzida por Amanda Cardamone Alves, aluna regularmente matriculada no curso de Psicologia da PUC MINAS, campus Poços de Caldas.

Você foi selecionado(a) porque tem formação em Psicologia e utiliza a Abordagem Centrada na Pessoa ou a Psicologia Transpessoal. A sua participação nesse estudo consiste em uma entrevista semi-estruturada, com um roteiro prévio que contém seis perguntas, será gravada e posteriormente transcrita. Realizaremos a entrevista através do Microsoft Teams, uma plataforma virtual que permite a reprodução de áudio e vídeo por meio de uma vídeo-chamada ao vivo. Não há riscos e/ou desconfortos envolvidos neste estudo.

Sua participação é muito importante e voluntária e, conseqüentemente, não haverá pagamento por participar desse estudo. Em contrapartida, você também não terá nenhum gasto.

As informações obtidas nesse estudo serão confidenciais, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação em todas as fases da pesquisa, e quando da apresentação dos resultados em publicação científica ou educativa, uma vez que os resultados serão sempre apresentados como retrato de um grupo e não de uma pessoa. Você poderá se recusar a participar ou a responder algumas das questões a qualquer momento, não havendo nenhum prejuízo pessoal se esta for a sua decisão.

Todo material coletado durante a pesquisa ficará sob a guarda e responsabilidade do pesquisador responsável pelo período de 5 (cinco) anos e, após esse período, será destruído.



## PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação  
Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

Os resultados dessa pesquisa servirão para dar maior visibilidade ao assunto além de possibilitar a utilização deles como referencial teórico para futuras produções científicas e acadêmicas.

Você receberá uma cópia online deste termo no qual consta o telefone e o endereço do pesquisador responsável, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Pesquisadora responsável: Giseli do Prado Siqueira.

Endereço: Rua Rio Grande do Sul, 1649, apto 101, Centro – 37701-001 Poços de Caldas – MG Telefone (35) 99102-6204.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Cristiana Leite Carvalho, que poderá ser contatado em caso de questões éticas, pelo telefone 3319-4517 ou email cep.proppg@pucminas.br.

O Comitê de Ética em Pesquisa é uma autoridade local e porta de entrada para os projetos de pesquisa que envolvem seres humanos. Tem por objetivo defender os direitos e interesses dos participantes em sua integridade e dignidade, contribuindo também para o desenvolvimento das pesquisas dentro dos padrões éticos.

O presente termo será assinado em 02 (duas) vias de igual teor.

Poços de Caldas, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2021.



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação  
Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade para participar deste estudo.

\_\_\_\_\_  
Nome do(a) participante (em letra de forma)

- Concordo  
 Não Concordo

Data: \_\_\_/\_\_\_/2021.

Eu, Amanda Cardamone Alves, comprometo-me a cumprir todas as exigências e responsabilidades a mim conferidas neste termo e agradeço pela sua colaboração e sua confiança.

\_\_\_\_\_  
Assinatura da pesquisadora

\_\_\_\_\_  
Data